

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NUMERO 44

Lisboa, 16 de Outubro de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Urotropina efervescente

Schering



DE SABOR EXCELENTE DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinarias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.



Taxas De Capacidade Moderadas

O emprego dos auto-camions Graham Brothers e dos automoveis commerciaes de $\frac{3}{4}$ de tonelada está generalizado em todo o mundo—em toda a parte onde se faz o transporte commercial de passageiros ou de mercadorias. Teem satisfeito todos os requisitos exigidos com respeito a caminho, carga e tempo—ê teem-se imposto pelo seu perfeito desempenho.

As suas capacidades de carga são taxadas tão moderadamente— $\frac{3}{4}$

de tonelada, 1 tonelada, $1\frac{1}{2}$ toneladas e 2 toneladas—que a maneira satisfactoria por que desempenham o serviço é reconhecida indiscutivelmente em todo o mundo.

Nenhuns outros auto-camions igualam os Graham Brothers na elevada percentagem de aço de liga de primeira ordem empregado na sua construcção. Teem grande poder de resistencia, em todas as capacidades. E alem d'isso extrema força.

Os auto-caminhões Graham Brothers, juntamente com os automoveis de commercio de $\frac{3}{4}$ de tonelada, preenchem 91% de todos os requisitos de transporte.

BERNARDINO CORREA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

CAMINHÕES GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA DIVISÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC. VENDIDOS POR AGENTES DODGE BROTHERS EM TODA A PARTE

O LIVRO DE BÉBÊ

Livro Util e Indispensavel
às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O primeiro passeio, O registo, O batizado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos cabelos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositarios
LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA



A vida é um jogo em que a saúde é o trunfo.

Da saúde depende a nossa energia, o nosso bom humor e bom éxito, não havendo saúde perfeita sem o bom funcionamento do aparelho digestivo. Para o conseguir não há como tomar diariamente ENO's "Fruit Salt" preparação salina efervescente, idealmente pura. ENO é o reparador familiar, por excelência, dos inconvenientes das más digestões; laxativo muito suave, mantém as condições de limpeza e regularidade necessárias á boa saúde.

Uma colher das de café num copo d'água, de manhã e á noite.

Depositaríos em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Eno's Salt" e "Sal de Fructa" e ENO, assim como o rotulo, são a marca da "fábrica registada".



ASPIRADOR DE PÓ

SIEMENS — "PROTOS"



O Aspirador de Pó Siemens — "Protos"

obteve o 1.º PREMIO em prova de qualidade. O melhor e mais perfeito em todos os sentidos. Consumo por hora 150 vatios

25 centavos aproximadamente

Preço escudos 900\$00, completo

"ILUSTRAÇÃO"

Na Administração, rua Anchieta, 25 compram-se a 5\$00 escudos cada um, exemplares em bom estado dos N.ºs 1 e 2 desta revista.

"VOGA" oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. *Dirigirem-se á sua Directora, Rua Anchieta, 25 — LISBOA*

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA}

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Roubado!!...

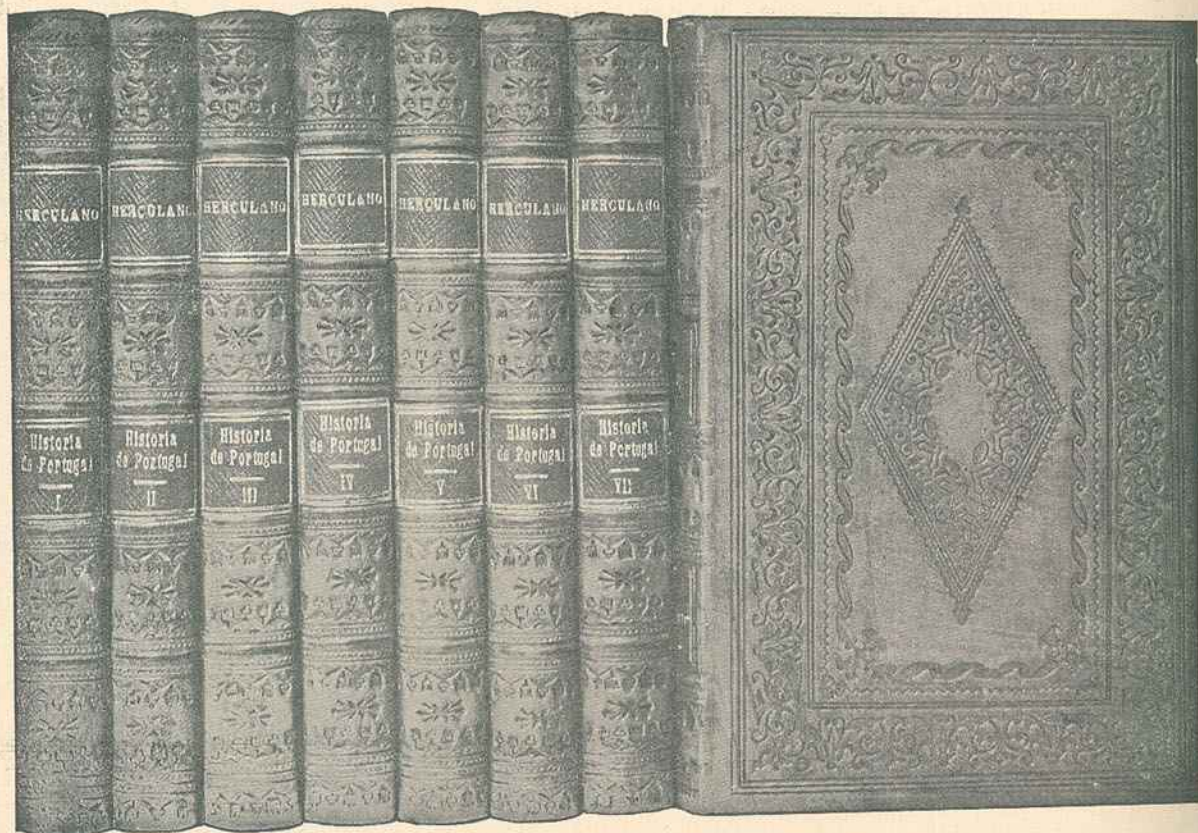
Não hesiteis na compra de uma maquina «TODD» para proteção dos vossos cheques.

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10
Rua 1.º de Dezembro, 60

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL
 POR
ALEXANDRE HERCULANO
 EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicandose um volume mensal

SAÍU EM OUTUBRO O VOLUME V

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10\$00
 Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro Esc. 14\$00
 Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
 Brochado Esc. 12\$40
 Encadernado em percalina Esc. 16\$40
 » » carneira. Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

ACABA DE APARECER

O TERCEIRO NÚMERO

DA MAIS SENSACIONAL REVISTA DE MODAS

“VOGA”

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

PUBLICAÇÃO DA CASA AILLAUD E BERTRAND

Esta nova publicação da casa AILLAUD e BERTRAND, destina-se a preencher a falta dum grande jornal português onde as senhoras possam encontrar a par duma boa e sã leitura, receitas absolutamente garantidas, conselhos sôbre assuntos de ménage, páginas de crítica, de arte, de literatura, de sport, etc. A página central de cada número é consagrada à Grande Moda, sendo profusamente ilustrada com os modêlos dos grandes costureiros franceses e americanos. *Voga* é impresso em 16 páginas de magnifico papel e tôda a sua colaboração é cuidadosamente escolhida de forma a poder substituir com vantagem as revistas similares estrangeiras.

CADA NÚMERO (AVULSO)
ESC.

1\$50

PREÇOS DA ASSINATURA

	Trimestre	Semestre	Anual
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Registados	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental... ..		35\$00	68\$00
Registados		45\$40	88\$80
India, Macau e Timôr... ..		30\$00	70\$00
Registados		40\$40	90\$80
Brasil		30\$00	70\$00
Registados		50\$80	111\$60
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Registados		60\$80	119\$60

A' venda em todas as livrarias, tabacarias, e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assinaturas

O MELHOR BRINDE PARA CRIANÇAS.

EDIÇÕES ILUSTRADAS

BI-
BLI-
O-
TE-
CA

IN-
FAN-
TIL



BI-
BLI-
O-
TE-
CA

RO-
SA

Cada
volume brochado

Esc. 6\$00
com encadernação especial

Esc. 10\$00

Cada
volume com enca-
dernação especial
e de luxo

ESCUDOS 12\$00

PEDIDOS AOS EDITORES: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

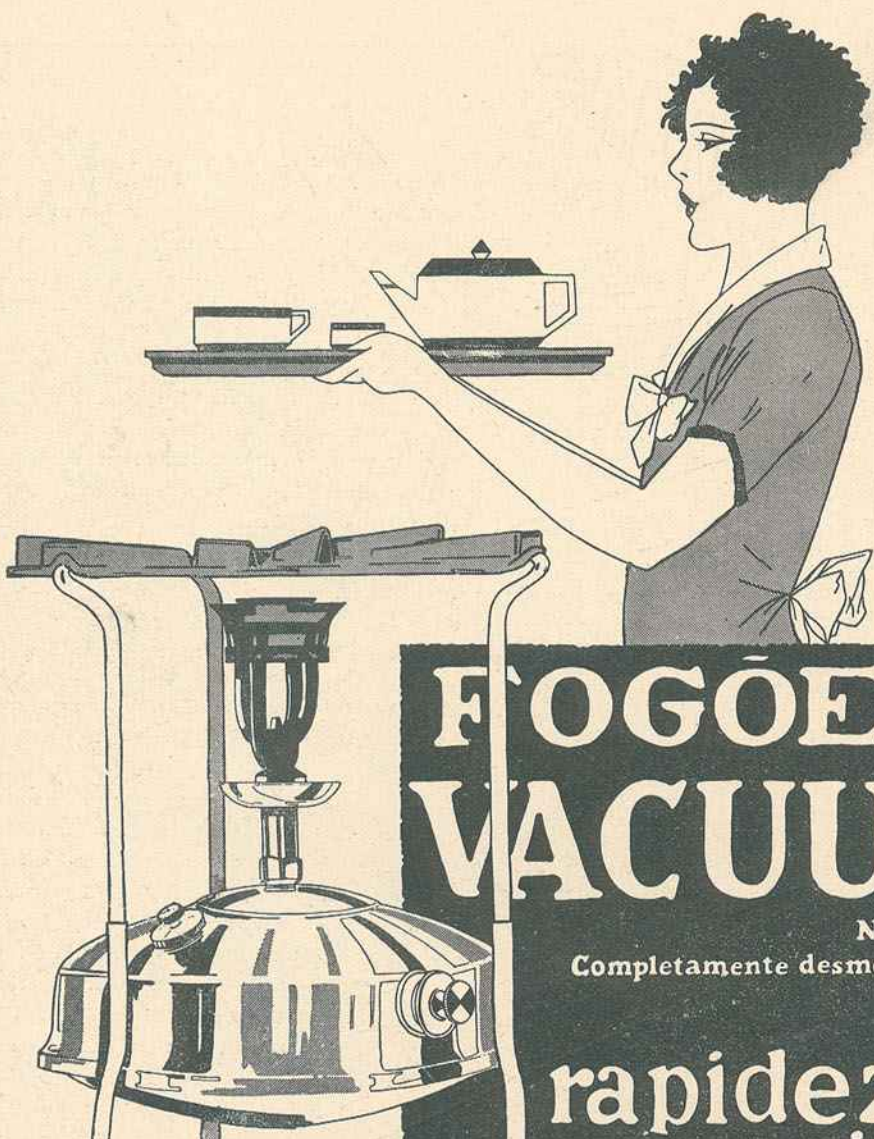
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

R



BERTI AND
IRMÃS, L^{DA}

FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27



**FOGÕES
VACUUM**

N^{os} 15 e 17
Completamente desmontáveis

**rapidez
economia
limpeza!**

Vacuum Oil Company



SUNFLOWER
PETRÓLEO

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR :

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO :

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 2.º — NÚMERO 44

16 DE OUTUBRO DE 1927



DESPEDIDAS DE VERÃO

(Clichés de Salazar Diniz)

NUMA RESTEA DE CALOR QUE AINDA VEIU SAUDAR, NUM ADEUS, AS PRAIAS DE PORTUGAL, FLORESCEM NOVAMENTE, NUMA SINFONIA ALÁCERE OS SORRISOS DAS LINDAS E ARISTOCRÁTICAS BANHISTAS DA NOSSA «COSTA DO SOL»

CRÓNICA DA QUINZENA

A luta que vai travada em França contra o comunismo afigura-se a muitos indolente e isto ocasiona em diários e revistas um vivo debate de filosofia social ou profecia política onde apetece meter também a nossa colherinha.

Dizem uns: «A burguesia actual está destinada a desaparecer, porque lhe falta uma *mística*». E outros dizem: «Parece que esta pobre burguesia se compraz em ser atacada e batida, demonstrando assim uma apatia ou mansidão que autoriza tôdas as loucuras».

Por outras palavras: a burguesia morre de duas doenças opostas, e ambas mortais — falta de ideal, e falta de instinto de conservação. Mas o caso não é tão simples como isto.

Em primeiro lugar pode duvidar-se de que a burguesia esteja apenas moribunda e considerar-se que já morreu de facto, como morreu de direito. Se estivesse viva, governaria; e a verdade é que, com-quanto lhe reste ainda quasi tudo do governo económico do mundo, o governo político de há muito deixou de ser só seu, e nos últimos anos vem-lhe sendo negado e pouco a pouco arrancado das mãos. Pode dizer-se talvez que é só nos Estados-Unidos que ela continua governando normalmente como de antes, porque deu aí ao proletariado a ilusão de aburguesar-se quasi de repente e por juto.

A burguesia nasceu à sombra e ao abrigo do burgo ou castelo; é a afilhada do feudalismo ou da aristocracia guerreira, que lhe amparou os primeiros passos, protegendo-a contra o saque militar violento e total pelo sistema homeopático das pequenas e regulares contribuições fiscaes. Desta maneira conseguiu a burguesia prever e poupar, entregar-se ao seu afã característico de *contar com o dia de amanhã*; e assim criou as suas obras-primas: o trabalho tranquilo e o capital activo. Assim formou e governou o mundo moderno.

Era o governo dos *que teem que perder*, o governo dos ricos — ou melhor: dos reme-

diados e equilibrados. E esta era também a *mística* burguesa: evitar todo o misticismo, como excesso ou desordem anti-social.

; Onde está hoje êsse lídimo governo burguês? Em parte alguma, ou pouco mais. Directa ou indirectamente, lutando pelo poder ou já apossados dêle, governam quasi por todo o mundo os que não teem que perder, ou julgam não ter que perder, ou, misticamente iludidos, imaginam que só podem ganhar com um jôgo invertido e fantástico — um jôgo de ganha-perde.

Governam os faltos de riqueza, por intermédio de parlamentos, sindicatos e jornais; governam os faltos de sciência, pela escola primária ubíqua; governam os faltos de virtude ou consciência social, pela exploração dos apetites e ódios anti-sociaes. E por êles se propaga entre as ingénuas camadas populares o ideal anti-burguês de se promoverem também à burguesia, não burguêsmente, pela previsão, a economia e o trabalho sem descanso, mas milagrosamente, graças à lotaria da revolução. Todos êsses magros querem «el gordo», e nenhum dêles sabe ou quer saber que o planeta não é bastante elastico para engordar tanta gente.

Já o planeta emmagrece, porque o governo dos pobres ingénuos lhe está pedindo muito mais do que êle pode dar, por muito que o espremam. E a burguesia adoce e decai, naturalmente, à medida que o Estado prescinde, para governar, das virtudes burguesas. O Estado diz: podeis gastar sem pensar, que eu vos ampararei na velhice; podeis ferir-vos no trabalho, que eu vos sustentarei na invalidez física; podeis demorar-vos na escola teórica e lúdica, e eu cá estou para vos empregar na burocracia; podeis morrer sossegados, e eu cá fico, para pensionar as vossas viúvas e órfãos. ¿Como se renovará a burguesia, quando assim se atrofiam no povo as energias que podem elevá-lo? ¿E como perdurará a burguesia, se a impedimos assim de renovar-se?

«! O comunismo, eis o inimigo!» gritam

os políticos, que sempre acordam tarde. E reclamam, clara ou dissimuladamente, a frente única, o cordão sanitário, a alfândega de cem olhos, contra o comunismo de fora. Mas o comunismo está já dentro, e não fora de nós. Esse inferno de mil diabos parece, neste sentido, irmão gémeo do Reino de Deus; essa nuvem negra já se não distingue da sombra que caminha connosco; essa Rússia vermelha já se não pode isolar nem sequestrar, desde que tôdas as Rússias entraram para dentro de nós.

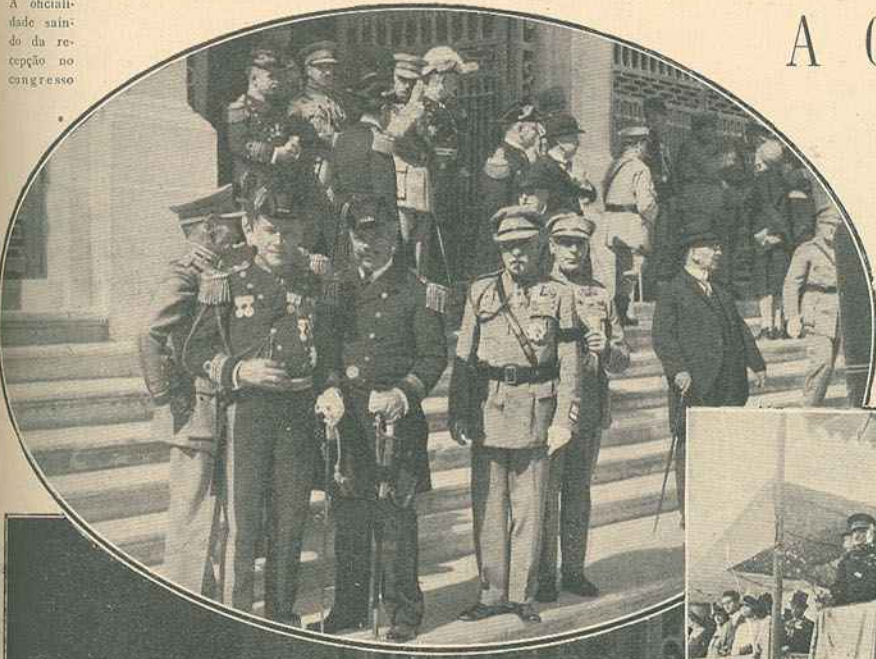
Entraram para dentro de nós, porque somos já muitos os que, educados para burgueses, sentimos como proletários; e, paralela à ambição quimérica do povo, que quer aburguesar-se em massa, gratuita e súbitamente, há uma efectiva proletarização da burguesia, resultante da complicação industrial e técnica do moderno mundo económico.

Quando se diz que a burguesia se não defende, fala-se como falaria um romano da época em que o Império estava já infiltrado de bárbaros; pensa-se erradamente que há ainda, como houve outrora, duas classes bem distintas, cerradas e estanques, uma composta de burgueses refeitos, e outra de proletários esfomeados. A realidade é muito outra, e o problema do dia de amanhã está pôsto entre duas falências do dia de hoje: por quasi tôda a parte, a falência lenta da burguesia como dirigente política do mundo; e na Rússia actual, a falência catastrófica do proletariado como seu dirigente económico.

Pode dizer-se já sem paradoxo que é na Rússia, e só lá, que se está fazendo, aliás por absurdo, a única defesa eficaz da burguesia. Ali se está provando que os seus métodos económicos são os únicos bons; e que o poder político terá de voltar-lhe às mãos, com a condição de se purificar e readquirir as antigas virtudes.

A COMEMORAÇÃO DO CINCO D'OUTUBRO

A oficialidade saindo da recepção no congresso



Sua Excelência o Senhor Presidente da República assistindo, com o ministério, ao desfile das tropas



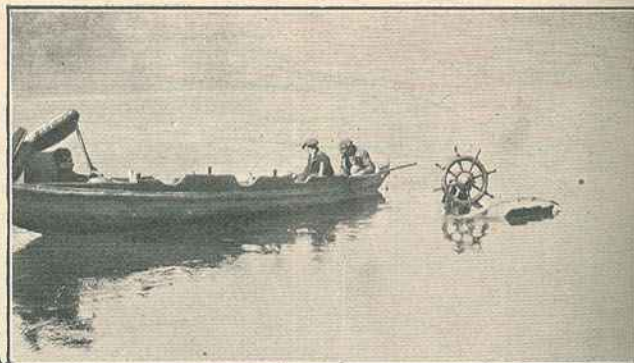
A romagem ao túmulo dos precursores da República, no cemitério do alto de S. João. Os senhores ministro da Marinha Agnelo Portela, ministro das Colónias João Belo e Governador Civil de Lisboa major Moura, representando o governo na homenagem

O Senhor General Carmona, com os seus ajudantes, saindo do palácio do Congresso após a recepção oficial

PORTO



O cortejo do 5 d'Outubro



Os restos do «Crestuma» que explodiu no Douro



O comandante militar do Porto doando a bandeira a Artilharia 5



Um dos barcos pozeiros premiados nas corridas



A FESTA DOS POZEIROS



EM CIMA: mulheres da Póvoa que tomaram parte na festa



EM BAIXO: um aspecto da procissão



EM CIMA: o Senhor Arcebispo e autoridades militares presidindo às festas

EM BAIXO: o São Torcato puxado para terra

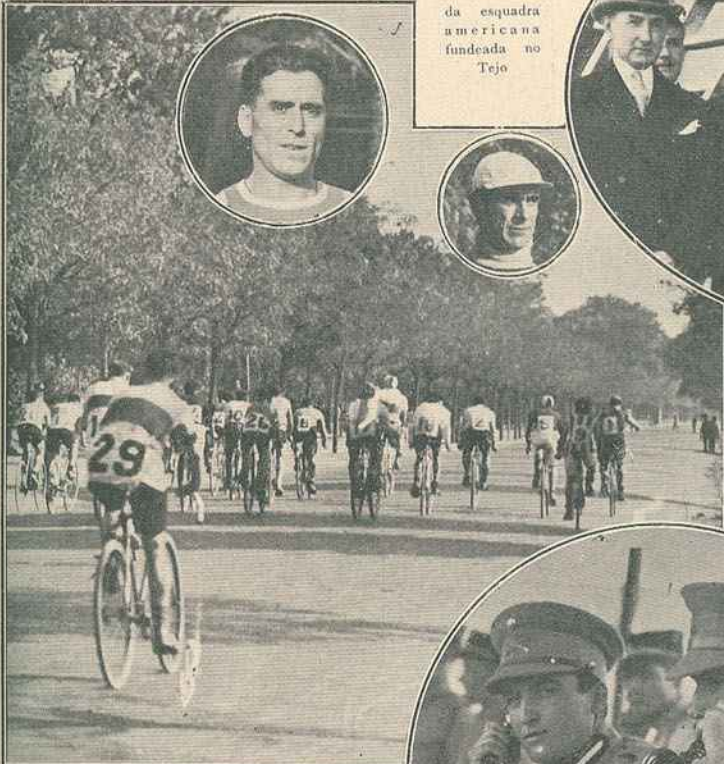
ACTUALIDADES



O «Junker 1230» amarrado no Tejo.

O campeonato ciclista da velocidade e os 1.º e 2.º classificados

Visita do chefe do Estado ao almirante da esquadra americana fundada no Tejo

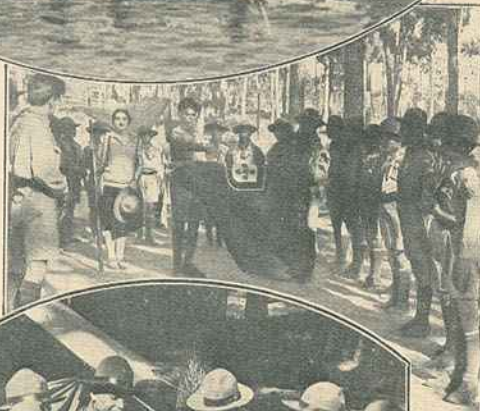


Os progressos da Carreira de Tiro Vergueiro - Ducla Soares. Dois aspectos do serviço telefónico dos alvos e um minúsculo canhão calibre 37 oferecido pela Itália à sala de arma da Carreira

FACTOS E PITORESCOS



Os dinamarqueses: Dr. Niel Ventegodt, Axel Jorgensen e N. Cristian, sen que tentam uma viagem a remos à Índia, numa frágil guiga e que estivera n em Lisboa



O escoteiro do Asilo de D. Maria Pia, Manuel dos Santos presta juramento ante a madrinha da patrulha a que pertence



Inauguração, pelo Chefe do Estado da Grande Exposição de Ex-libris na Imprensa Nacional



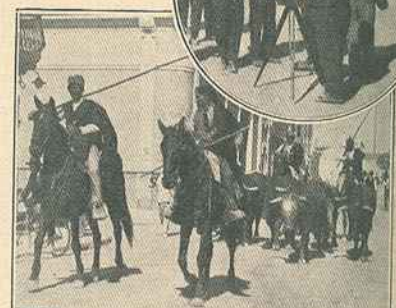
O imenso Kaleidoskópio da vida fornece-nos, de segundo a segundo, uma nova visão, um facto novo, um novo encadeamento dos factos, uma peripécia, um episódio, um facto, um documento. Cumpre ao jornal ou à revista focar numa aluvião de notas e instantâneos, a vida vertiginosa que passa. Difícil proésa, feito quási quimérico. Os kodaks vibrantes, não podem, nos seus relâmpagos fugazes, focar senão partículas, recantos, nesgas do que acontece, já não pelo mundo todo mas por este pequeno e lindo Portugal.

É um apanhado do que, nesta quinzena, tem aparecido de pitoresco, que damos nesta página, fugazmente, como imagem do Kaleidoskópio da vida.



Assistência ao almoço de homenagem ao Dr. Augusto Edmundo de Carvalho, recentemente formado em medicina e onde se veem as pessoas mais gradas da vila de Almada

O escotismo está tomando em Portugal um feliz incremento. Os ensinamentos de Sir Baden Povel são adopt-dos com calor e p. lição pa a bem da indispensável obra de salvação da mocidade. No seu acampamento de Torres, os escoteiros do Asilo de D. Maria Pia fazem a sua vida ao ar livre. No «gabinete de leituras» a Patrulha do Galo lé o «Coração» de Edmundo de Amicis, essa bela obra de ternura e de educação moral que nunca será bastante lida pelas crianças e adolescentes do nosso país, onde, cada vez mais se faz sentir a necessidade imperiosa de educar ainda mais moralmente do que literariamente



Feira de Vila Franca; um acontecimento regional com campinos, espera de toiros e o inevitável fotografar «á la minute»

A escola Fonseca Benevides, dirigida superiormente pelo Dr. Adrião Castanheira, fez uma exposição curio-síssima de obras de arte dos seus professores e trabalhos escolares dos alunos. A esta solenidade, a que assistiram as entidades oficiais, seguiu-se uma bela e enternecida homenagem ao grande artista Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, cujo retrato foi descerrado na presença do corpo docente do modelar estabelecimento de ensino

TENNIS

O SPORT DA ELEGANCIA



O espanhol Tejedas executando um dos seus característicos «drives»



Os jogadores espanhóis e portugueses que disputaram o 1.º Encontro Portugal-Espanha



José de Verda que venceu brilhantemente Tejedas

Nun dos intervalos, um pouco de «footings», exercício salutar para as elegantes, exercicio que as senhoras portuguesas, veraneando em Cascais, praticam forçadamente do Tennis para a Parada e da Parada para o Tennis.



ORGANIZADOS pela Federação Portuguesa de Lawn-Tennis e pelo Sporting Club de Cascais, realizaram-se ultimamente o encontro Portugal-Espanha e os Campeonatos Internacionais.

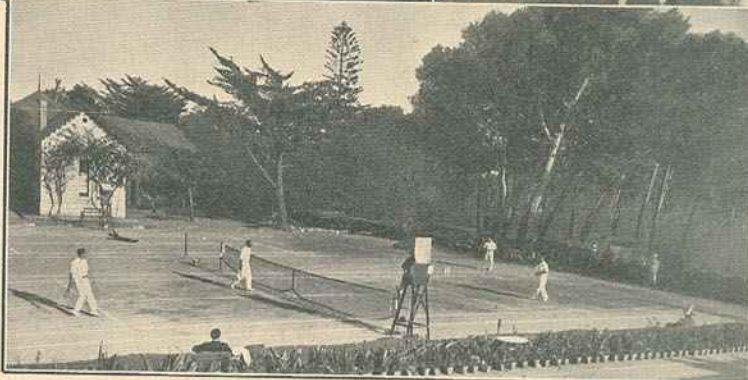
Ambas as provas foram brilhantemente disputadas perante uma assistencia numerosa e das mais elegantes, que concorreu largamente ao «cotillon» organizado em honra dos jogadores estrangeiros.

A elegante assistencia não esqueceu tambem, nos seus louvores, os nossos tennistas, verdadeiros valdores que se afirmaram com decisao e energia ante os formidaveis campeoes internacionais.



À sombra dos pinheiros, junto ao «court», Sorrisos e graça dum encantador grupo cheio de mocidade que chilreia sob o arvoredo

Uma vista de conjunto do magnifico «court» do Sporting Club de Cascais, onde se realizaram os desafios internacionais e o Portugal-Espanha em tennis



O aristocrático baile no Salão do Sporting Club de Cascais onde se ressusitou, galantemente, o esquecido cotillon que as danças arqui modernas haviam destronado injustamente. Este baile foi um dos acontecimentos elegantes mais marcantes da temporada de Cascais e a ele concorreram as mais elegantes e formosas senhoras da nossa alta sociedade, num verdadeiro certame de modelos do bom tom

A semana da Marinha foi um relance da Europa nesta linda terra que, pouco a pouco, um tanto devagar, é certo, vem tomando gosto pelas corridas de cavalos.

Assim devia ser num país de cavaleiros. A concorrência foi grande e escolhida, houve apostas e discussões, viveu-se um pouco a vida de Longchamps, melhorada, diga-se a verdade, pela luz do nosso céu e pela beleza do nosso mar.

Foram de notar as «toilettes» das nossas elegantes, que já consideram a «pelouse» das corridas como o melhor campo de elegâncias.

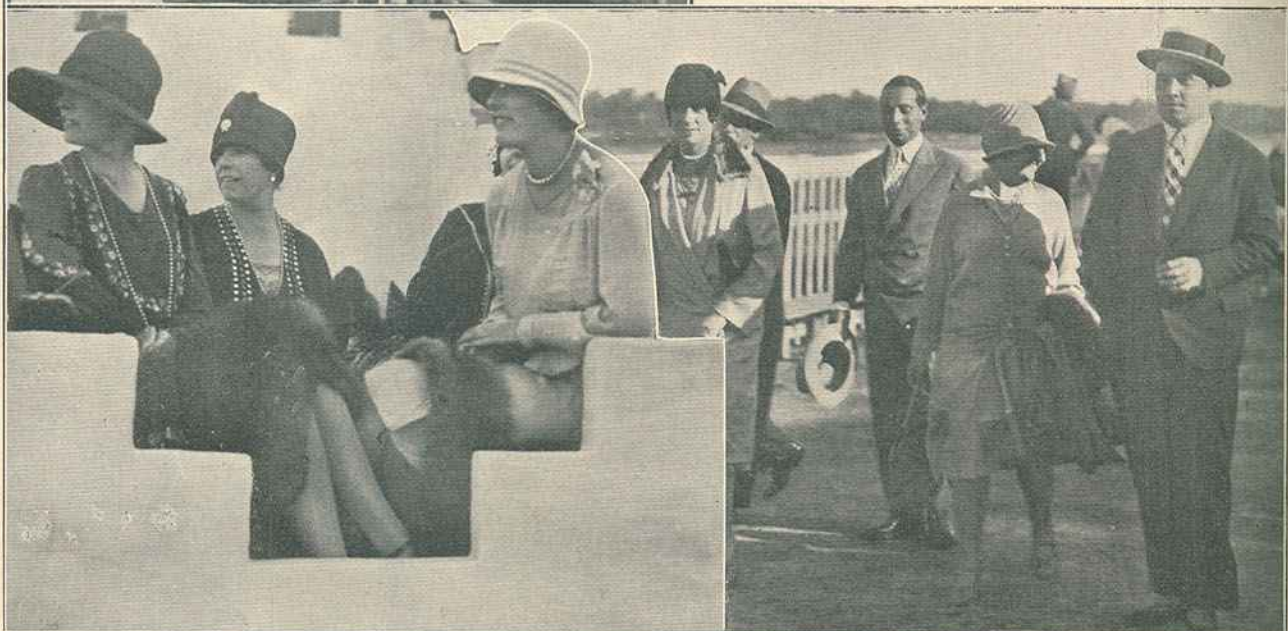


ELEGANCIAS E PITORESÇOS DO CAMPO DE CORRIDAS

Fotos de Mário de Novaes



CORRIDAS DE CAVALOS NA MARINHA



A LEGIÃO AMERICANA EM FRANÇA



Procurando... o Moulin Rouge num guia ilustrado (Foto H. Manuel)



Os legionários saindo de Notre Dame (Foto H. Manuel)



O «comandante» da legião, Savage, pronunciando um discurso para a T. S. F. (Foto J. Manuel)

A recente visita que os legionários americanos fizeram à França não podia ficar sem registo nas nossas páginas. Realmente, trata-se dum facto de alta significação política e ainda mais alta significação sentimental. No momento em que a humanidade, pela bôca dos seus representantes em Genebra, faz contra-va-por no caminho da insensibilidade e de vertigem mecânica, antipaticamente racionalista, por onde enveredara; depois que Briand e Stressemann pronuncia-

A homenagem aos americanos mortos em França. No pavilhão: o general Pershing, o marechal Foch, «comandante» Savage e reverendo Wolfe

(Foto H. Manuel)





A visita a Clemenceau. Shafford, «novo» «comander» da Legião, Savage, «comander» em exercicio, Clemenceau e Pershing

(Foto H. Mannel)

Clemenceau, o Tigre, com 82 anos

(Foto H. Mannel)

ram alguns discursos dos mais notáveis na história do mundo pelo seu significado, a vinda a Paris da Legião americana do general Pershing é como que um grande, belo e sincero abraço da grande nação de Além Atlântico à França, heróica na Guerra e sublime na Paz, um brado de amizade da grande mocidade americana à velhice radiosa da terra-mãe do espírito gaulês.



O abraço solene do general mutilado Gouraud e do comandante Pershing é um facto altamente importante sob o ponto de vista internacional. Mas a embaixada extraordinária do povo yankee não foi apenas notável pelo lado protocolar. Revestiu aspectos de pitoresco mui subido como fôssem as joviais invasões dos «boulevards» pela gente franca de barretinho ao lado, e a visita, que fica memorável, a casa do velho Clemenceau, o «Tigre», o salvador da França que, em idade proveta e convalescente de grave doença, quis obsequiar os seus visitantes esquiçando ante êles e pela mão de Pershing, alguns passos... de Charleston.

O reverendo Wolfe, capelão dos legionários

(Foto H. Mannel)



O simbólico aperto de mão entre o governador de Nova York e o heróico general Gouraud

(Foto H. Mannel)



A repartição privativa de correios para a Legião Americana, onde se expdem e recebem 100.00 cartas diárias

(Foto H. Mannel)

FIGURAS DO MOMENTO E DE TODO O MUNDO



(Foto Metro)

MARCUS LOEW

O presidente da Metro-Goldwyn-Mayer Pictures Corporation, que acaba de falecer em Nova York, aos 56 anos de idade, foi uma das figuras mais representativas da grande indústria cinematográfica norte-americana.

Nos Estados Unidos, o dia 5 de Setembro é o Labor Day, isto é, o dia consagrado ao Trabalho. Nessa data, o operário, o homem de trabalho que enfrenta a luta de cada dia para poder assegurar a subsistência do dia seguinte, consagra o seu descanso à comemoração tradicional. Nesse dia, Marcus Loew repousou também da jornada trabalhosa que lhe foi traçada pelo destino. Este grande potentado, que começou no humilde mistér de vendedor de jornais, pela altura dos nove anos, foi sucessivamente tipógrafo, jornalista, fabricante de peliças e empresário, e depois cinematografista. Morreu aqui-milionário.



(Foto H. Manuel)

VENIZELLOS

O ditador grêgo, figura singularmente irrequieta e de alto relêvo mental, foi acometido de doença gravíssima que forçou o seu afastamento das lutas políticas a que se entregava ardentemente desde os tempos da guerra europeia, onde desempenhou papel de destaque.

HINDENBURGO

O presidente do Reich, o marechal Von Hindenburgo, é uma das figuras mais representativas da política mundial. O povo alemão, a nação alemã, festejou ruidosa, entusiástica, sinceramente, o dia em que o seu Presidente da Republica completou oitenta anos de idade, oitenta anos de trabalho e de esforço pela sua pátria, na paz como na guerra. Hindenburgo, o grande marechal, talvez o único dos chefes alemães da guerra que, em vez de suscitar ódios nos adversários, só lhe inspirava justa consideração, é hoje, auxiliado por Stresseman, uma das garantias da



(Foto Lenmann)

paz na Europa e no Mundo inteiro. Quando o marechal, fiel servidor do Kaiser, foi levado à mais alta magistratura da jôven República, todo o mundo considerou este facto como precursor da restauração do império. Mas Von Hindenburg não era homem de tempera para uma traição, e o velho imperialista é o mais forte pilar da nova democracia como o chefe guerreiro é a maior garantia da paz.

A PRINCEZA ANA DE FRANÇA



(Foto Manuel Frères)

Cujo matrimónio próximo se anuncia com grandes reservas e que passa por ser uma das princesas mais belas do mundo, além de modelo da mais subida elegância e das mais altas virtudes.



(Cliche Perestrelo)

D. MARIA DE CABEDO

A autora das *Fantasia e Realidades* que a crítica responsável recebeu galhardamente, marcou, no quadro dos escritores portugueses, com esse seu livro de crónicas — tão pessoais na sua maneira que não se pode dizer que revelem influência ou sugestão d'este ou daquê — o que já é muito — antes desenham um sabor proprio tão manifesto, que quem lêr com atenção essas crónicas, fixa o seu carácter especial — o que é tudo.

É um livro moderno, iamós dizer ultra-moderno, pela elegância do estilo, mas extranhamente equilibrado, pois nem cai nos temas perigosos e chocantes do ultra-modernismo, nem resvala na pruderie sensaborona de certos auctores, aliás muito festejados. Chega a ser feérico este livro, pela policromia dos seus temas, e pelo interesse que nos desperta — quasi autobiografico como é, pois a sua objectividade é uma subjectividade reflexa.

As *Fantasia e Realidades* da senhora D. Maria de Cabedo, com um pouquinho de réclame era um livro definitivamente lançado e a sua autora consagrada.



(Foto H. Manuel)

MADAME MOSCICKA

A Polónia vai, dentro em breve celebrar os 25 annos de trabalhos sociais e políticos da esposa do Presidente da República Polaca.

Madame Moscicka, que iniciou o movimento feminista na Polónia, é actualmente conselheiro municipal da cidade de Leopold, cargo onde tem dado provas evidentes duma cultura e força de alma extraordinárias.

À VOLTA DA SANTINHA DE FAFE

(Do nosso enviado especial o Repórter X)

(Clichés de Alvaro Martins)

Para lá chegar é necessário ter os «riões de bronze» que o poeta cubano enxerta na matrona da «Liberdade», erguida à entrada de New-York...

Do Porto a Guimarães, o auto é sacudido, levantado, afundado nos milhares de covas que transformam os caminhos num mar revolto, encapelado de ondas de terra e pedra e lama... Mas de Guimarães em diante as estradas alizam-se, abonecadas e floridas, e acabam por se encaracolar num sacarôlhas de apertada espiral, cercado pela scenografia activa das montanhas... A arborização compacta, reverbera, através os cristais da atmosfera límpida, coagulando num só tom, todos os tons verdes que a retina possa apreciar... E empoleirada, num prodígio de equilíbrio, surge-nos, ao cabo de duas horas de viagem, uma vila de alvíssima casaria, risonha e ingénua...

Estamos em Fafe...

A «SANTINHA...»

O *chauffeur* já em tempos trouxera do Porto uma dama de rosto velado, a transparentar-segrêdo amoroso que queria consultar a «Santinha...» Mas recordava-se mal da topografia da vila... E o auto, troteando, roda, um pouco à tã, pelo labirinto do bairro, à busca dum ponto de referência. E súbito, roncamos os travões:

— É aqui! garante. Mas já não me lembro do número!

Apiei-me e tratei de me orientar... Num dis-

tico negro pintado no muro lia-se: Rua da Seara... Faltava saber onde vivia a «Santa de Fafe...»

A sombra projectada pela parede fronteira, mendigos lazarentos coçando-se com fúria, assistiam, sem interesse, às nossas manobras... E só um dêles se agitou um pouco para lamuriar a pedincha dum esmola

Aproveito-o e indago:

— Onde está a Santa?

E êle rectifica:

— A «santinha», quer dizer! É ali... no n.º 9...

Mas não entre agora: está lá gente...

Pouca impaciência tive de sofrer... Minutos depois saíam de lá duas mulheres do povo, com pesado oiro sobre o seio avultado — e com os lenços ramalhudos a mascararem-lhe as caras... Avancei uns passos... Um auto veloz antepõe-se entre mim e a casa da santa... Dêle apeiam-se uma senhora e uma criança... Tamborilam, ao de leve, na porta de ferro... Repeitem o chamamento três vezes... Depois, entram...

Novo compasso de espera. Recolho-me na sombra — de camaradagem com os mendigos. E pergunto-lhes:

— É sempre assim — a bicha à porta da «Santinha»?



Frente ao n.º 9, da Rua da Seara, em Fafe, param amiudadamente autos luxuosos e delectam-se apieiam senhoras e creanças, vindas das cidades, para consultar a «santinha»...

— Vem muita gente de fora visitá-la — pedir-lhe «favores» para Deus... Que ela é muito «milagreira»... Só o «peasso» de Fafe é que não crê no seu poder e na sua santidade... E isto tem-na prejudicando muito... Antigamente até apareciam ali senhoras de Guimarães e do Porto e de Lisboa...

E a seguir, estendendo a perna ulcerada para além da sombra, buscando um pouco do calor do sol para as feridas, o mendigo filosofa:

— O senhor já sabe... «Santos de casa...»

A FAMA DOS MILAGRES E O FENÓMENO DA BAVIERA

Ao que parece, a fama de Maria de Jesus, a «Santinha de Fafe», alastrou-se, há muitos anos por todo o Minho... Contudo só agora ela chegou até às *linotypes* dos grandes jornais... E para isso foi preciso que fizessem vibrar o patriotismo dos que calavam a sua existência...

Estamos numa época fértil em milagres, aparições e fenómenos onde os crentes, sinceramente, veem o cinzel de Deus a gravar nas águas e nas almas os vestígios da sua própria passagem — e onde, algumas vezes, a sacriliga ambição dos homens, toca com a brutalidade, no fito de amealhar ouro, burlando a fé e insultando os Céus... E êstes fenómenos, verdadeiros uns, grosseiramente artificializados outros, irrompem por toda a parte...

Ontem foi uma névem que se recorta no suave perfil de Jesus e que assombra uns pastores das Vascongadas... Hoje, uma histórica que se corresponde com os Edens Divinos... Amanhã uma fonte que estanca todos os males, mesmo os que não torturam a carne... Mas o que predomina notavelmente, nesta estranha revoada de milagres, são os fenómenos históricos, que, nas trevas da Idade Média teriam levado os doentes às labaredas do auto de fé — e que agora fazem ajoelhar, à sua volta, multidões fanáticas — contra a vontade, por vezes, da própria Igreja...

Há semanas os telefones da *Chicago-Tribune* — órgão oficial de tôdas as excentricidades e de todos os caprichos do Mundo, entre a história de uma menina que nascera com duas cabeças e a profecia dum astrónomo hindú que garante o esfecamento do globo terrestre para... ontem à noite — trouxe-nos a notícia dum prodigioso fenómeno de misticismo registado na Baviera... Tratava-se de uma freira, Neuman, caída em transe, insensibilizando-se até ao extremo de viver, há não sei quantos anos, sem ingerir uma cêda ou uma gota de água... E acrescentava que a revelação do mistério levava para junto dela todos os pernaltos da ciência a'emã — mas que o enigma fisiológico da mística, depois de lupado, de transparentado por todos os rádios — mantinha-se granditicamente inviolável...

Foi então que os conhecedores da «Santinha» de Fafe se alvorçaram... Podiam lá sentir que os alemães se vangloriassem com tal fenómeno — se êles possuíam, em terra de Portugal, outro muito mais completo, muito mais intrigante, muito mais poderoso?



Interrogando a vizinhança — as radiografistas da bisbilhotice — sobre os mistérios da «Santinha»...

VIDA SCIENTÍFICA

A NATUREZA ESPECÍFICA DAS CÉLULAS

O corpo compõe-se de órgãos, estes de tecidos, estes de células.

A célula, que foi considerada uma unidade elementar, é, afinal, um organismo complexo de estrutura e de funções, variando estas conforme o elemento considerado, e segundo uma diferenciação morfológica e funcional que se realiza em certo período da vida celular. Assim cada célula adquire uma especificidade que mantém, em condições normais, por toda a sua duração e que transmite às outras células a que dá origem. De aqui vem a sentença de Bard sobre a identidade entre a célula-mãe e as que dela descendem: *Omnis cellula e cellula ejusdem naturae*.

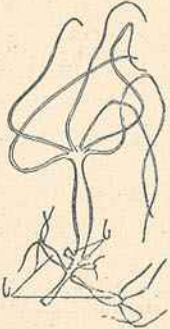
Mas de verá, na verdade, tomar-se esse carácter específico como absoluto, ou depende dele das condições do meio, podendo perder-se quando este sofra consideráveis alterações?

É um problema debatido pelos biólogos, havendo alguns que consideram a célula como dotada de dois géneros de faculdades: um dêles, constituindo o que chamamos potencialidade real, compreende as suas actividades especiais em certo estado determinado pelas condições típicas de desenvolvimento; um outro, a potencialidade total, corresponde à propriedade de adquirir diferenciações novas ou suplementares relativamente às que resultam desse desenvolvimento típico considerado como normal.

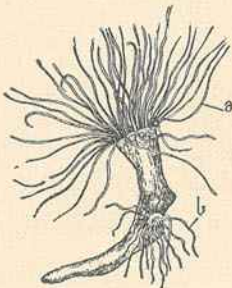
Vejam os alguns exemplos:

Nos organismos superiores há células especiais dotadas da faculdade de reproduzir o indivíduo, e nenhuma outras células possuem essa propriedade, nem a adquirem por muito que variem as condições do meio. Já o mesmo não sucede com a hidra de água doce: qualquer das suas células produz gomos, como sucede nas plantas, resultando dêles outros seres semelhantes à hidra-mãe. São células de cuja potencialidade total se pode dizer que é completa.

Há, neste mesmo sentido, uma experiência interessante de Jacques Loeb: A anêmona do mar tem a boca cercada de tentáculos.



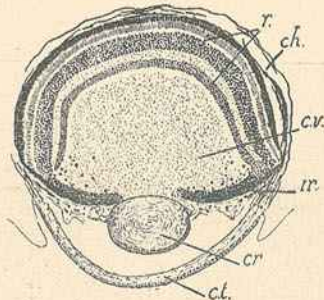
Hidra de água doce. *b*, novas hídrias nascidas de gomos



Anêmona do mar. *a*, tentáculos da boca normal. *b*, tentáculos em torno de uma boca artificial.

Abra-se uma pequena fenda no corpo do animal, e ver-se-lá que lhe nascem tentáculos em torno, constituindo uma outra boca.

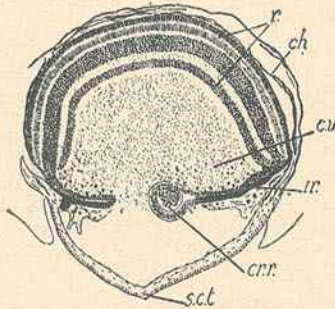
Nos seres que ocupam lugar mais elevado



Corte de um olho normal de uma larva de tritão
cr, cristalino

na escala zoológica, essa potencialidade total é muito mais limitada. Conhecem-se, no entanto, alguns fenómenos demonstrativos da sua existência. Por exemplo, com as larvas dos tritões ou das salamandras, às quais se faz a extirpação do cristalino, vê-se que esta lente que nos permite a visão é regenerada à custa de outras células do globo ocular, as da camada epitelial que prolonga a retina na face posterior da íris.

Mais curiosa ainda é uma experiência de



Corte do olho de uma larva de tritão, treze dias depois da extirpação do cristalino.
cr, cristalino em via de regeneração

Mademoiselle Locatelli sobre os tritões: Seccionou o nervo sciático de tritões e adultos, libertou-o numa certa porção do seu trajecto e inverteu a direcção do nervo inserindo a extremidade dêle na pele do dorso. Viu formar-se nesse ponto uma pata supranumerária, mostrando, portanto, que as células da região tinham tomado uma diferenciação diversa da que lhes é normal, mediante as novas condições a que foram sujeitas pela

alteração produzida no seu sistema de energia.

A diferenciação das células de modo a adquirirem estrutura e funções específicas está, portanto, em certos casos, dependente dos nervos, perdendo-se às vezes essa diferenciação quando estes são seccionados. Sabe-se que a percepção dos sabores se deve a uns órgãos minúsculos existentes em certas papilas da língua. Aí se encontram células de forma particular, as células gustativas, e fibras nervosas transmissoras das excitações sofridas por essas células. Desde que se corte o nervo a que se ligam as fibras, as células perdem a sua diferenciação passando ao estado de simples células epiteliais.

Outras vezes, a diferenciação das células parece depender das condições físico-químicas dos tecidos. Consegue-se hoje cultivar



Microfotografia de um corte da língua. *pl*, papila lingual. *cg*, corpúsculo do gosto

tecidos separados do organismo, vivendo essas células e reproduzindo-se desde que se conservem em meios nutritivos apropriados e livres de qualquer infecção.

Ora, na verdade, algumas culturas de tecidos perdem os seus caracteres morfológicos específicos, de modo que se torna impossível a sua identificação. Basta, porém, que esteja presente na cultura algum tecido conjuntivo para que as células epiteliais e glandulares conservem o seu aspecto normal.

As razões da diferenciação celular constituem um problema que, para a humanidade continuará ainda muito tempo sem solução.

F. MIRA.



Microfotografia de um corpúsculo do gosto, alojado na espessura do epitélio. *cg*, corpúsculo do gosto

O PATRÃO LOPES

A FILHA DO LENDARIO LOBO DO MAR, UMA VELHINHA DE 90 ANOS EVOCA PARA A "ILUSTRAÇÃO" A FIGURA HEROICA DE SEU PAI

«No dia 16 do mês de Outubro, haverá grandes festejos em Paços de Arcos. Comemorando o centenário do nascimento do Patrão Lopes, o sr. Presidente da República assistirá à inauguração do seu monumento.»

Esta notícia saiu há poucos dias nos jornais. Possivelmente, à hora em que os meus colegas, procuravam desenterrar dos arquivos o retrato e algumas notas que tragam de novo, a público, a figura do lendário lobo do mar, eu encontrava-me numa pequena sala, na rua Heliodoro Salgado, com os olhos postos num retrato a óleo do grande marinheiro, e a voz da sua filha, a senhora D. Emília Lopes, fazia-me conhecer a comoção do contacto com o tempo, aproximando e vivendo o eco dum passado heróico.

Por momentos, nesta muda contemplação, em que o presente ainda não fôra totalmente arrebatado pela ressurreição de factos enovelados na bruma do tempo, parecia-me ainda que era o jornalista, que no desempenho da sua missão, folheava acontecimentos e anotava para uma ligeira entrevista de jornal, a vida de um herói.

—Tu vais escrever alguma coisa sobre a vida do avô?...

Esta frase deu-me direito a acentuar aquele nascente orgulho, que tropeçava a princípio com a ideia de que o Patrão Lopes era um gigante do mar, um destes dominadores, a quem uma página da História intercepta a aproximação dum laço familiar.

Os noventa anos de minha avó deveriam talvez advinhar este meu estado de espirito, porque começou d'este modo a evocação da figura de seu pai:

—Tu és como êle. O teu bisavô também preferiu sempre uma vida livre, de miséria. Em pequeno não descansou enquanto não se tornou independente. Até aos 10 anos ajudou o pai na pesca, depois teimou em ter um caíque seu, e por fim, deixou Olhão, para começar a sua vida. Foi para Gibráltar...

Não esteve lá muito tempo. Ao fim dum ano, voltou. Não deu resultado a ida para Gibráltar. Foi então que êle começou a trabalhar em Paço de Arcos, nas canoas de pesca.

Minha avó falava, e eu quasi não escutava a sua voz. Desde pequeno que eu lhe ouvia estes pormenores, de mistura com os seus comentários espirituosos de avósinha

que brinca com a infantilidade e a despreocupação do neto.

—Tu uma vez ias morrendo afogado. Eras muito pequenino. Aí quem te salvou não foi o teu avô, fui eu.

Ri, muito contente desta recordação, e lembra:

Foi em casa. Estavas a fazer botes de papel numa celha com água. Abriram a porta do quintal, e a marota da cabra vem de lá a correr, espantada, e vira-te de pernas ao ar...

e a comoção extraordinária que ela sente quando os sinos, e a chuva, lhe parecem preces de afritos que muito longe sofrem, e pedem a intervenção de alguém que lhes minore o sofrimento.

—Avô, como foi o primeiro salvamento feito pelo avô?

—Foi em Oeiras, na foz do rio. A barra estava obstruída com areia. O rio entrava pela terra dentro, e fazia lagôas. Um homem quiz atravessar a lagôa com um irmão. O

irmão era uma criança, ainda muito pequena. Levou-a às costas. De repente atrapalhou-se, e não esteve com demasias. Largou o pequeno e procurou salvar-se sózinho. Ouve gente que viu, e começou a gritar. Foi quando appareceu o teu avô. Começou por salvar uma criança... Depois ainda foi salvar o homem, o tal irmão...

Pouco tempo depois, começou a salvar muita gente na Torre do Bugio. Olha!... Tantas pessoas salvou que o governador da Torre um dia chamou a tripulação do salva-vidas e disse que era preciso escolher um patrão para o barco. O teu avô, era o marinheiro mais moderno. Pois todos à uma disseram logo que êle é que devia mandar no barco. O governador era bom homem. Quando chamou a tripulação já sabia que o iam escolher. Também não era só pelos salvados. O teu avô era muito inteligente. Em pouco tempo, depois de muito estudar, conhecia todos os baixos e cachopos da barra.

—Mas onde êle foi grande foi a salvar...

—Foi. Quando êle não salvasse, só Deus. Uma vez, um capitão dum barco francês, queria morrer junto do casco do navio desconjuntado. Teimava em não querer ser salvo. Pois mesmo assim, o teu avô foi lá buscá-lo à força. Foi talvez o salvado que lhe deu mais trabalho, porque houve luta, imagina...

«A coisa mais bonita na vida dêle não foi essa. Foi num navio inglês.

—A primeira condecoração?...

—Não.

Houve aqui um momento lindo nesta enternecedora evocação. Propositadamente, como já advinhasse qual o lindo gesto que ella ia contar, eu insisti em ignorá-lo, para que passasse como factos insignificantes, o sal-



Um retrato inédito do Patrão Lopes

Minha avó conta, e parece-me que é a voz do tempo que fala. Ella conta, e eu estou a ver na semelhança dos seus traços com os de minha mãe, a ligação de factos tanto tempo misteriosos, dispersos. Compreendo agora, a nostalgia do mar, a ânsia de horizontes longínquos, que às tardes entristece minha mãe,

vamento de tantas tripulações de navios estrangeiros. Foi na verdade belo este momento.

— Avó. Foi daquela vez, num barco italiano...

— Não.

— Já me recordo, foi numa escuna espanhola...

— Também não.

E iam passando sobre a recordação de tantas tormentas, de tantas scenas horríveis de naufrágios, a embelezar a vida de um homem, e ela, a minha avó, contente também deste ensejo para um legítimo orgulho, a repetir-me, com a simplicidade que enobrece os grandes feitos.

— Não. Não foi dessa vez.

— Foi a história do cão. Não te lembras? Foi num barco inglês. Era terrível a aproximação para salvar os desgraçados que, desesperados, se deitavam ao mar. Pela primeira vez os homens do salva-vidas tremeram. Pela maneira como eu ouvi contar o teu avó, devia ter sido medonho. Ele gritou, animou. Falou na Senhora da Guia, como era seu costume, e o barco partiu. Foram salvos 16 homens. Foi um esforço enorme. Viram a morte muitas vezes. Estavam estafados. Nisto o teu avó disse:

— Temos de lá voltar.

— Não está lá ninguém.

— Ficou lá um cão.

Ficaram todos muito admirados que elle quizesse arriscar-se a voltar junto do navio por causa dum cão. Ele então disse que era uma vida. Se não quizessem, que ia elle sózinho. Quem é que o aturava se deixassem morrer o cão? Foi a maior medalha que meu pai recebeu dos ingleses...

Eles chocaram-se muito com esta história do cão.

Ele impressionava toda a gente. Não parecia um homem deste mundo.

E enternecida, com um grande desvanecimento, conta:

— O rei D. Luís abraçou-o muitas vezes. Foi elle que lhe colocou ao peito a Torre Espada, quando elle salvou a tripulação do hiate português «Almirante». O imperador D. Pedro II do Brasil, quando visitou Lisboa, quiz conhecê-lo, e foi também abraçá-lo. O poeta Tomás Ribeiro dedicou-lhe um poema muito bonito.

Baixando a voz, acrescenta:

— Em muitas salas de associações puseram o retrato d'ele ao lado dum grande homem, como se chama elle... José Estevam.

O teu avó também falava muito bem. Tinha muito bonitas palavras.

Uma vez os jornais levantaram a ideia de abrir uma subscrição para elle. Sabes o que elle fez? Declarou no «Jornal do Comércio» isto assim:

«Competia ao governo e não ao povo envergonhá-lo com uma esmola. Quem bem ou mal vive do seu trabalho por nada deste mundo estende a mão à esmola das multidões. Um peito onde se abriga o amor do próximo não pode albergar sentimentos mesquinhos.»

Então não é bonito? E não aceitava nada. Uma vez mandaram-lhe uma salva de prata com as iniciais d'ele e uma porção de libras. Era um presente de uma senhora de alta categoria. Pois não aceitou. O governo fê-lo segundo tenente de marinha. Quem assinou o decreto foi o Visconde da Praia Grande. O

Marquês de Fronteira era muito amigo d'ele. Em pequenina fui muitas vezes a casa do sr. marquês.

Como falasse nos seus tempos de menina, recorda...

— As vezes que eu em pequena vi minha mãe chorar, com o medo de o deixar partir para o mar. As noites metiam medo. O vento abalava a casa. Mesmo dentro de casa fazia pavor. Eu estava a dormir e acordava, por-

se davam os naufrágios. Não esperava que chamassem por elle. Quando se gritava pelo nome d'ele, ouvia-se logo a sua voz:

— Coragem rapazes! Ai vou!...

— Quantas pessoas teria elle salvo?

— Perguntas bem, mas eu não te posso responder. Também elle não o sabia. Lembrou-me que um dia lhe fizeram essa mesma pergunta, e sabes o que elle respondeu?... Disse isto, pouco mais ou menos:

— Até trezentas ainda eu me lembro, depois... perdi-lhe a conta.

Minha avó já me tinha contado esta linda scena. Tornei a perguntar para o ouvir, para me comover e sentir bem o orgulho de ouvir contar factos lendários de um herói que, não só existia já na tradição, mas palpitava plenamente, no meu sangue, como um latejar luminoso de uma estrêla, apontando a nobreza da minha conduta através a minha vida.

E a acentuar mais este ambiente de história de heróis, contada por uma avósinha para enternecer o neto, minha avó, insiste:

— Mas é muito bonita a história do cão. Eu devo ter aí um jornal inglês que conta isso.

Depois recorda pormenores soltos.

— Queres saber uma frase que teu avó dizia muitas vezes:

«O mar é muito, mas os homens a quem Deus dá coragem, tem tanta força como elle.»

O povo adorava-o. Na nossa casa nunca se fechava a porta. Nos últimos tempos da sua vida, vinha imensa gente, do estrangeiro, para o ver. Uma vez apanharam-no em Lisboa, e levaram-no para o Arsenal num trem, depois de desatrelarem os cavalos. Foi uma doideira. Foi por ocasião do ultimatum. O teu avó fôra a Lisboa, para contribuir para a subscrição, aberta no teatro D. Maria, para compra de navios. Os estudantes viram-no, e já não o largaram. Foi uma linda manifestação.

Parece que a chuva e o vento nasceram para elle. Quando elle morreu, o entérro foi trabalhoso. Que dia tão triste. Um dia de verdadeira tempestade.

Não se podia andar com a ventania. Parecia que o vento chamava por elle. Ele tinha que acabar. Ficavam cá os filhos, e agora os netos e os bisnetos...

Ele lá seguiu para sempre no salva-vidas que o levou para o Arsenal. Foi um entérro muito bonito. D. Carlos mandou seguir o salva-vidas pelo hiate real «Amélia», e acompanharam o entérro: o Duque de Palmela, o Marquês de Fronteira, Mariano de Carvalho e António Enes, que era então o ministro da Marinha e muitas outras pessoas assim tão illustres...

Falámos ainda muito tempo sobre o patrão Joaquim Lopes. O robustecimento da minha fé, o orgulho e o conhecimento das raízes mais profundas do meu temperamento assim o exigiam. Falamos muito tempo da figura lendária do grande lobo de mar, filho do povo, que poderia ser o primeiro duma nobre estirpe.

Que outros falem agora de sua filha, dos seus noventa anos e do modo como ela vive com a sua modestíssima pensão, que pela sua exiguidade é bem um testemunho dum passado de há muitos anos.



D. Emilia Lopes, filha do Patrão Lopes

que minha mãe chorava, agarrada a elle. Ele então dizia:

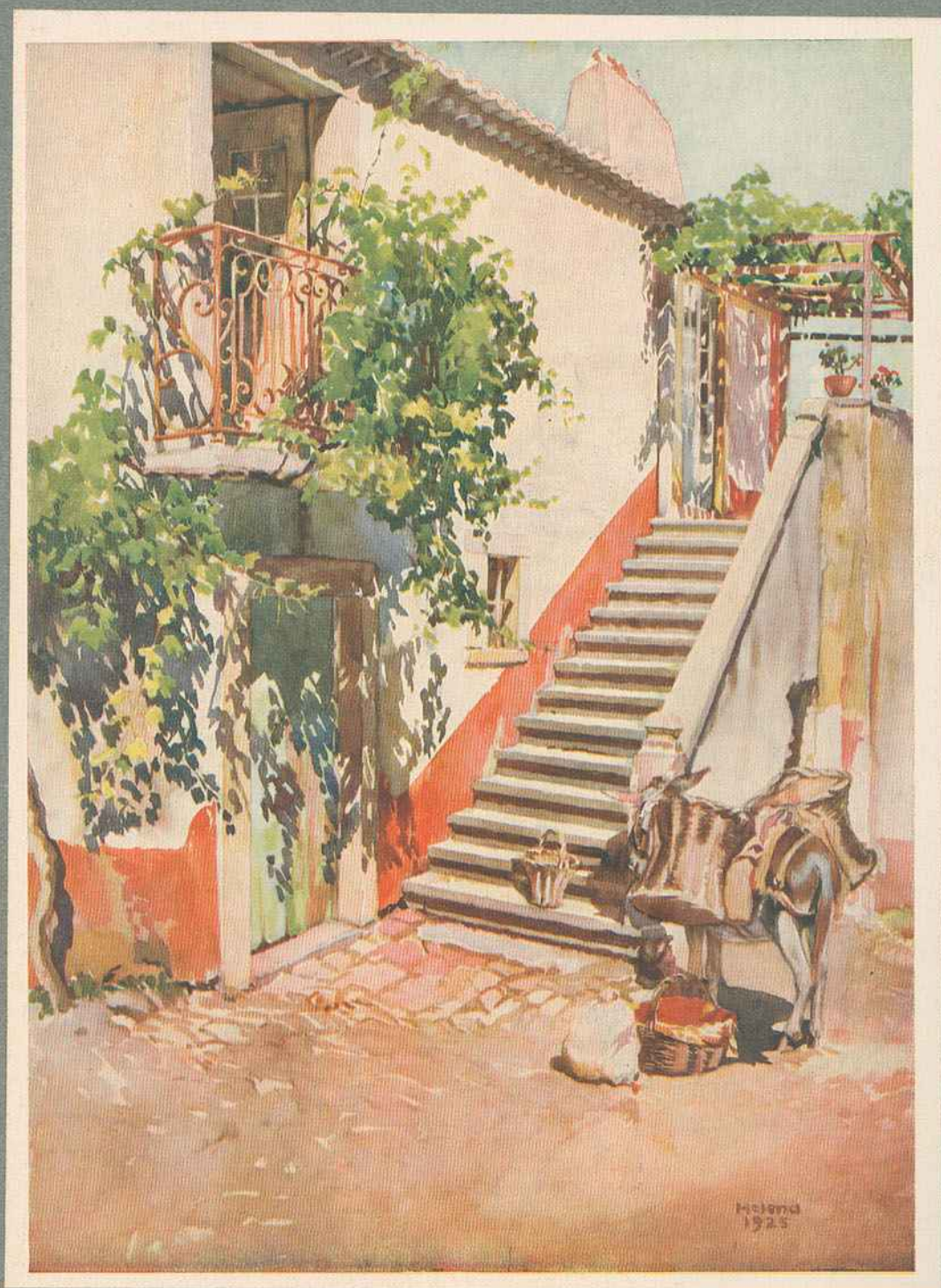
— «Mulher, não me tentes. Vela pelas crianças, que eu vou para o mar. Chamam por mim. Essa gente está em perigo e também tem filhos. É preciso que alguém vele por elles.»

E velava. Passava as noites de óculo em punho, espreitando o mar. Quando fazia vento, e tudo parecia aos gritos, ouvia-se o nome d'ele. Era gente que confiava n'ele, e que pedia para elle aparecer. Elle não tardava. Abalava, desaparecia na noite, e eu ficava cheia de medo agarrada a minha mãe.

Parece que estou ainda a vê-lo nos últimos tempos da sua vida. Já não podia mais. Estava entredado, muito irritado por se ver preso numa cadeira de rodas. Estava sempre a olhar o mar, sempre preocupado com a vida dos naufragos. Quando o mar estava picado, aí estava elle inquieto, e triste, por não poder abalar. Eu era pequena. Brincava. De vez em quando elle gritava: «— Não me tapes a vista do mar. Não posso estar sem ver o mar».

As vezes quando o vento assobiava, elle conhecia tão bem os pontos perigosos, e até as horas prováveis dos naufrágios, que blasfemava: «— Não vejo nenhum barco no mar, mas deve haver gente afita. Ah! ladrões!... Vocês não estão no seu lugar. Ah! ladrões que vocês tardam e essa gente não tem quem lhes acuda... Emilia! Vai ver se vês o salva-vidas!...»

Porque elle, espreitava o mar, era prudentíssimo. Parece que adivinhava o sitio onde



HELENA ROQUE GAMEIRO — Casa saloia em Colares



CINEMA TOGROFIA

AS GRANDES OBRAS DO CINEMA O INFERNO DE DANTE

Mortimer Judd, um arrivista, juntou muitos milhões arrancados às misérias e regados pelas lágrimas dos seus semelhantes. A força é a sua única fé, que para ele, substitui o Direito, a Justiça e a Bondade. Em volta de si semeou o homem frio e duro a ruína e a desgraça. Nunca a piedade comoveu o seu gelado coração.

Craig, homem de talento mas de confiada bondade, está em riscos de quebra iminente, devido às maquinações financeiras de Mortimer Judd. Este poderia salvá-lo se quizesse mas calculadamente, barbaramente, recusa-lhe qualquer auxílio nesse sentido. Craig envia-lhe então um exemplar do «Inferno» de Dante, em cuja primeira página o seu desespero escreveu, à guisa de dedicatória, a sua maldição.

O despótico milionário abre o livro e lê... seguindo o Dante naquela memorável noite tenebrosa de Sexta-feira Santa em que o poeta imagina ter-se extraviado numa horrenda selva. E também ele, como Dante, penetra nos profundos abismos do Averno; vê o Aqueronte e contempla, pálido, os olhos em braza do trágico barqueiro Caronte, que, na sua barca, leva as almas para as regiões do fogo eterno; visita esse árcano do inferno, o Malebolge, construção pétrea que tem a viva cor do fogo e segue o seu guia pelos nove ciclos do Reino da Dôr.

Assiste aos suplícios, aos martírios e às torturas dos condenados... Nos seus olhos, que o terror desorbita, ficam plasmadas as visões horríveis do Rio de Sangue, da Chuva de Fogo, do Pez Derretido, do Poço de Ouro líquido, do Bosque dos Suicidas com as sinistras arpias...

Interrompe então, no auge do pavor, a leitura do poema...

A tragédia continua-se no seu próprio lar. Por sua culpa lhe morre a esposa. Seu filho, subitamente louco, lança-se sobre ele de revolver em punho e na luta, Mortimer Judd mata-o. Finalmente, sob o domínio de satânico poder, abandona o lar sob tormentosa chuva. Leva intenção de se refugiar em qualquer subterrâneo do bairro de casas baratas de que é proprietário, mas um incêndio voraz, catástrofe de que ele é o único culpado, reduz a cinzas o bairro onde ele explorava a miséria dos pobres. O furor popular desencadeia-se, tremendo! Os habitantes do bairro reconhecem-no, prendem-no, entregam-no à justiça e cumpre-se a lei. É julgado e condenado à morte na cadeira eléctrica.

Já meio morto pelo terror sofre o mau

homem a pena capital e os demónios veem, numa sarabanda, uivando frenéticos, arrancar-lhe a alma da sua carcassa mortal para a levar ante o juiz Minos, que inexoravelmente examina as culpas dos condenados à entrada do Inferno e julga e envia os réprobos para o lugar que lhes corresponde nos abismos profundos.

De nada valem a Mortimer Judd tódas as suas riquezas, ante o severo e implacável julgador. E este ordena que o lancem no Poço de Ouro Derretido para que nele sacie aquela sede de riquezas que nunca em vida ponde ver satisfeita.

A ordem é cumprida pelos demónios impiedosos, depois de sustentarem com o condenado uma luta titânica.

E Mortimer Judd, que adormecera, num pesadelo horrendo, sobre a obra imortal de Dante Alighieri, acorda nêsse momento sobressaltado. A lição aproveitou-lhe, a sua alma é outra desde então. Chama a si Eugénio Craig, o homem de talento que soube emendar-lhe os espantosos erros e presta-lhe o auxílio que ele pede e merece. Encontra a esposa e o filho vivos e a eles se abraça prometendo-lhes que a sua vida dali em diante será um modelo de bondade, respeitando o aviso que a Providência lhe fizera por intermédio do talento de Craig e do génio poético do divino Dante. (Produção Fox-Film).

* * *

O «Inferno de Dante» é um filme que marca uma época na cinematografia. Succedendo a «O Templo de Venus», «Pilha dos Deuses», «Pérolas e Lágrimas» e outras produções de Henry Otto, este filme é uma das mais completas realizações americanas no género fantasmagoria que depois, adoptado pelos alemães, tem inspirado os maiores realizadores de além Rheno. A imprensa americana, ao comentar este trabalho, lembrou o nome de Gustavo Doré, grande desenhador que compôs as mais belas ilustrações do poema de Dante, classificando o trabalho do cinegrafista yankee como digno do trabalho do ilustrador francês.

* * *

Segundo as últimas estatísticas, o mundo é habitado por 1.748.000.000 de seres humanos. Subtraído a este ciclópico número 500.000.000, número que representará os que

habitam nas ilhas inexploradas da Oceânia, na parte mais interior do Vale do Amazonas e nas vastas regiões do ceste da China e no Thibet, assim como nas regiões selvagens da África, fica-nos um total de 1.248.000.000 de pessoas no mundo que conhecem por certo Charlie Chaplin, ainda que seja só de nome ou só de vista.

Está agora averiguado que, destas pessoas, há 1.247.999.998 que passam alegremente um bocado de tempo se lhe projectarem uma película do famoso cómico. Os dois habitan-



O terrível demónio da maldição espanhola...



O sombrio
reino da
Dor

tes do mundo que nos ficam e que são uma senhora de mediana idade e sua filha, ex-corista, não deixaram que o insigne actor concluísse o seu último filme «O Circo», difamaram o altíssimo artista e negaram publicamente o seu talento, pretendendo ainda extorquir-lhe por um processo de chantagem legal a maior parte da fortuna que *ele* ganhou. A ex-corista, resta dizer, chama-se Lita Grey e a mamã dela é... a sogra de Charlot...

* *

Os artistas de cine são supersticiosos a mais não poder ser. Assim: Mary Pickford odeia o vermelho, Phyllis Haver nunca pega numa chave sem esperar desastre. Barbara

A trágica
barca de
Caronte



La Marr, a pobre, tinha «azar» certo quando lhe mandavam uma carta de recomendação,

timonado pelo próprio produtor William Fox. O filme exibiu-se cinco vezes por dia e durante vinte e uma semanas. Os lucros foram aproximadamente de dez mil dollares.

* *

A «Phœbus» de Berlim apresentou no «Capitol», com o mais retumbante sucesso, um extraordinário filme «Os mestres cantores de Nuremberg», executado sobre o libretto célebre de Wagner.

* *

Benito Perojo, encenador espanhol que realizou «Boy» e outros filmes de ambiente regionalista, faz parte presentemente do grupo de realizadores da grande firma francesa «Albatrós».

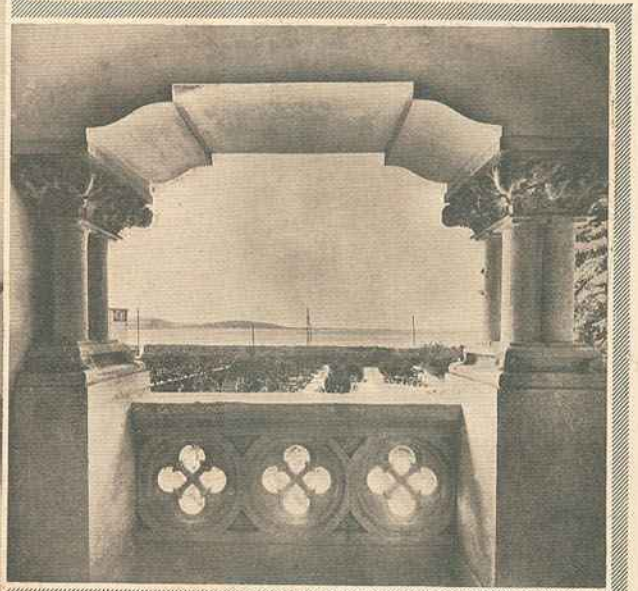
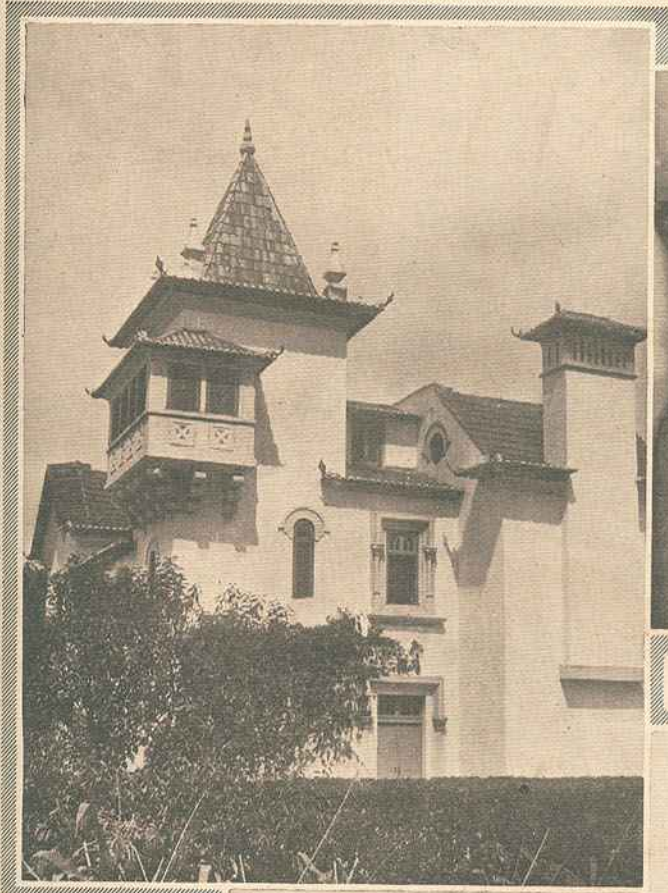


As almas conde-
nadas rodeavam
o poeta imploran-
do ajuda...

A CASA PORTUGUESA

UMA CASA SUBURBANA (D'ÁFUNDO—LISBOA)

VARANDA ROMÂNTICA



O MAIOR MERECI-
 MENTO DESTA CONS-
 TRUÇÃO ESTÁ EM TER
 SIDO TRANSFOR-
 MADA DE HÍBRIDO E
 BANAL «CHALET» EM
 OBRA ARQUITECTÓNICA
 DE GÉNERO PORTU-
 GUÊS ARCAIZANTE. NÃO
 TERIA A FANTÁSTICA
 E HISTORIADA TORRE
 «CASTELO DE S. VI-
 CENTE A PAR DE BE-
 LEM» — TÃO PRÓXIMA
 DÊSTE LOGAR — IN-
 FLUÍDO NO ESTILO
 ADOPTADO EM ALCUNS
 PORMENORES DESTA
 CASA ?



ARQUITECTO :
 GUILHERME REBELO
 DE ANDRADE

F E M I N I N A



Casaco de veludo de seda e raposa preta, criação L. LELONG.
(Foto Scianzi)



Casaco de Any Linker em seda, lã, pôneza e bandas de armênia.
(Foto Scianzi)
Joque com incrustações de veludo castanho e cinzento com minochas nos lados. Criação Aouat.
(Foto H. Manuel)
Vesido sport em Jersey gris e faixas verdes. Modelo LUCIEN LEXAGE.
(Foto Scianzi)



Trajo em Jersey cinzento escuro guarnecido de astrakan. Criação da casa HERMAN.
(Foto Manuel Frères)



Um penteado original imaginado por Carley empregando um travessão de Bonaz.
(Foto H. Manuel)



A ARTE RÍTMICA

DO TEMPO E DO ESPAÇO

APONTAMENTOS SOBRE COREGRAFIA MODERNA



LISA DUNCAN

Uma das artes cuja evolução, nos processos técnicos, mais se fez sentir neste último quarto de século foi, indiscutivelmente, a coreográfica.

A dança, que nas civilizações orientais e durante o Paganismo atingiu um elevado valor como representação material, espontânea e estética de sentimentos, ideias e sensações, decaiu em valor expressivo quando o Cristianismo, vestindo de pesadas roupagens o corpo humano, ocultou o seu único agente de exteriorização.

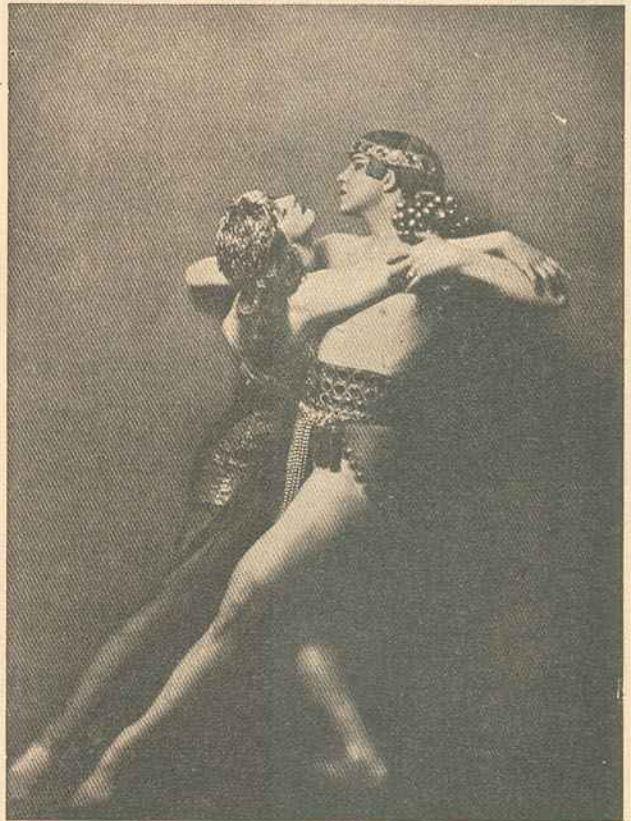
Passaram-se séculos e com eles convencionalismos que proibiam o homem de utilizar o seu próprio corpo, o mais poderoso de entre todos os instrumentos, para com êle simbolizar plásticamente estados da sua alma torturada. Mas a ânsia de revelar eloquentemente, e cada vez com mais devoção e sinceridade, aspectos do seu grande mundo íntimo, fizeram-no despojar-se das roupagens que hipócritamente o envolviam, e em nossos dias dançou livremente, exprimindo-se melhor numa linguagem mais clara e mais profunda.

Foi a grande bailarina americana Isadora Duncan que, nos primeiros anos deste século, rehabilitou a dança. Foi ela quem, em primeiro lugar, desprezou completamente a técnica acrobática e convencional das escolas italiana e francesa, modeladamente cultivadas pela moderna escola russa.

Muito influuiu no Bailado Russo de de subtilíssimas e delicadas revelações íntimas, Serge Diaghilev, que o público de Lisboa mas, e de graça, e dum inefável encanto, teve oportunidade de admirar em 1917, a não se podia tolerar exclusivamente a com arte da inovadora bailarina americana. plicada e convencional técnica de ontem, de Mikhail Fokine, mestre de bailados dos Marius Petipa, e a de Enrico Cecchetti, ainda Teatros Imperiais e coreógrafo de Diaghilev, que com êle se juntou em 1908 para tante perfeitas, mas baseadas em exercícios organizarem e pro-

duzirem êsse requintado espectáculo o mundo e que foi o bailado russo, Fokine não utilizou exclusivamente, nas suas obras, a virtuosidade coreográfica e mímica, tradicionais, sendo indiscutível que a influência da arte de Duncan, e por vezes a adopção da sua técnica, muito contribuíram para elevar o valor dos seus famosos bailados.

Depois de se ter visto Isadora, que emocionava profundamente, porque a sua arte, duma grande sinceridade e beleza, era cheia



RUTH ST. DENIS E TED SHAWN

Numa dança mística no Templo das Sete Portas, do drama coreográfico *Ishtar*, o fascinante símbolo feminino da Babilónia, libertando o seu amado, o Espírito da Terra, da escuridão do Mundo

de carácter mais aeróbico do que propriamente expressivo.

O movimento iniciado por Isadora Duncan criou admiradores e cultores, e se as regras do seu novo culto nem sempre foram fielmente adoptadas, pelo menos o espírito da sua obra foi compreendido, e uma nova pedagogia surgiu, permitindo que o artista, livre de convencionalismos e de acanhadas receitas, revelasse melhor a sua personalidade:

É à Suíça, terra natal de Pestalozzi, que cabem as honras de possuir as duas escolas que no campo da pedagogia coreográfica marcam as mais interessantes tendências da arte moderna: as Eúritmias de Jacques Dalcroze e de Rudolf Steiner.

Os Estados Unidos da América do Norte, pátria de Isadora Duncan, de Ruth St. Denis e de Ted Shawn, figuras orientadoras da coreografia contemporânea e cultoras da dança emocional, merecem a denominação que a si atribuem — *the soul of the dance* — porque são hoje, de facto, em todo o mundo, o centro onde mais intensamente e com mais amor, se cultiva a arte coreográfica.

Lá tem adeptos tódas as escolas em-

nhadas no renascimento da dança: as que cultivam a arte das civilizações remotas do período romântico; dos mais diversos povos; e finalmente a da época presente. É o grupo Duncan, constituído pelas pupilas da genial artista, que segue, livre de influências estranhas, a obra de Isadora; «Denishawn», dirigida por Ruth St. Denis e seu marido

Ted Shawn, sublimes cultores da arte exquisita do Oriente e do Extremo Oriente e reconstrutores da dança da Antiguidade: da China, do Japão, de Java, da Índia, da Babilónia e das afastadas civilizações da Amé-



ISADORA DUNCAN

Numa interpretação coreográfica de «A Marselheza»



MARY WIGMAN

Numa dança composta para exprimir emoção religiosa, levada ao mais alto grau de êxtase

rica; «Orchesis», de lov, Serge Oukraïnsky, Michio Ito, Elsa Margaret H'Dou- Findlay, etc., etc.

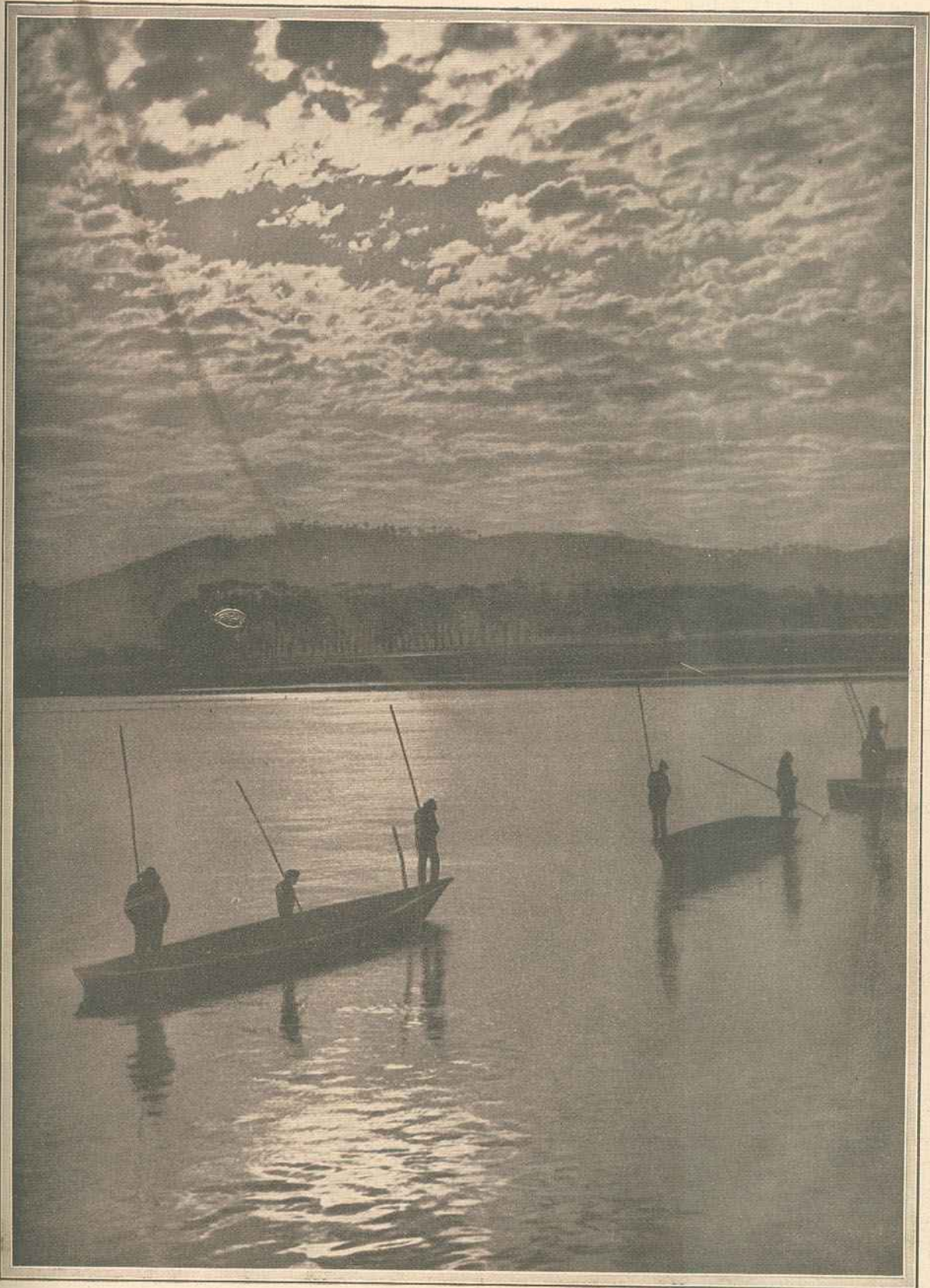
Na Alemanha dois grandes artistas se elevam a frente da moderna coreografia, dando-lhe, com o seu arrôjo e o seu talento, feições novíssimas e absolutamente inconcunáveis: Rutholph Laban, que, quer como bailarina e livre; os grupos de Marion Morgan, Andreas Pavley, Margaret Roma e Belgrado; e Mary Wigman, a estranha criadora de bailados simbólicos sobre temas de carácter religioso e filosófico.

Laban e Wigman são apologistas da dança dirigida por artistas liberta da colaboração musical. E nestas de mérito orientação reside uma tendência nova que atribui — na opinião dos defensores deste ponto de vista — um maior valor à arte desenvolvida uma actividade artística de relevo e realizado obras notáveis: Mikhail Fokine, Adolph Bolm, Mikhail Mordkin, Alexander Gavri-

Lisboa, Setembro, 1927.

Lúis REIS SANTOS.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



NO RIO LIMA — A PESCA DA LAMPREIA

(Cliché de José M. Continho)

O CAVALEIRO ROQUE

LENDA DO PALÁCIO DOS MARQUESES DE BELAS

Os lisboetas conhecem a Quinta dos Marquês de Belas por nela se realizar em fins de Agosto a romaria do Senhor da Serra. Vão ali uma vez por ano beber o vinho fresco das pipas enramadas de pãmpanos, pular o fandango saloio e carpir fados meigos à sombra dos ulmeiros da grande alameda.

Dos moradores do palácio nada sabem, por isso, a eles, romeiros de hoje, não poderia ocorrer nunca a pergunta que em meu espírito se formulou atravessando mais uma vez o portão fidalgo entre roncões de motores e buzinas de camionettes, inferneira de «Jazz» que veio substituir o tilintar jovial das guizeiras de outrora.

A pergunta é simples e natural.

«O que será feito do Cavaleiro Roque, daquele fidalgo defunto que nunca deixou de habitar em espírito o solar de Belas, derramando às mãos cheias pelos hóspedes e moradores do palácio a sua estranha graça de vigilante.

Os leitores decerto não me respondem porque não sabem a lenda e eu vou contá-la como ma contaram, numa segunda-feira de há vinte anos, pessoas que voltavam comigo do Senhor da Serra e eram da prirvança dos marquês.

Resa a tradição que viveu no palácio de Belas certo cavaleiro de nome Roque, pessoa de esmerados dotes e prosápia ilustre que, de longes terras, trouxera a Portugal uma

virtude que raríssimas vezes se abriga em almas portuguesas.

O cavaleiro Roque era pontual, britânicamente pontual, sabia de horas tanto ou mais que a velha pêndula de Scott da sacristia da capela. No propósito firme de inocular nos seus a virtude que tanto presava, vivia vida difícil o cavaleiro Roque.

Ninguém no palácio se levantava a horas. Em manhãs de caçada, tropeçavam nos pátos os poldros inquietos, a matilha enchia a serra de latidos sonoros e os monteiros roncavam, roncavam nas camas fôfas... D. Roque lá ia, de quarto em quarto, despertar os madraços...

Pela uma hora badalava pontualmente a sineta do jantar; corria o cavaleiro à sala



D. Roque lá ia, de quarto em quarto, despertar os madraços.

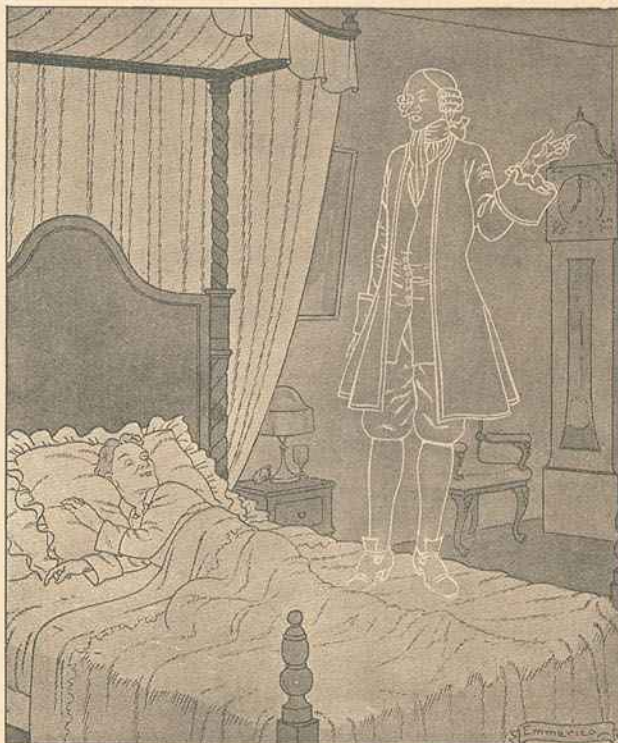
da mesa.. Estavam desertos os lugares, só os talheres luziam esperando os convivas. D. Roque da varanda chamava para os jardins; do corredor tropejava para as salas: que viessem, que viessem, eram horas de comer...

Todos os dias, à hora da missa, o mesmo afan, e cada tarde cuidados idênticos para o têrço e para a ceia. Era, portanto, bem árdua a tarefa do cavaleiro, incutir em espíritos de portugueses a noção inglesa da pontualidade. Qualquer habitante ou hóspede da casa de Belas (até para os hóspedes era profícua a virtude de D. Roque) que precisasse erguer-se do leito a hora certa, nada mais fazia do que bater palmas à porta do quarto e dizer no corredor: «Cavaleiro Roque, acorda-me às tantas...»

À hora precisa, um suave despertar fazia abrir os olhos de quem dormia, o nome do Cavaleiro acudia ao espírito e com ele a curiosidade de consultar o relógio...

Era a hora pedida na véspera, certíssima, minuto por minuto... São passados alguns anos; a quinta de Belas saíu da posse dos marquês. Que será feito de D. Roque, cavaleiro-cronômetro?

algun mais atre-



Era a hora pedida na véspera...

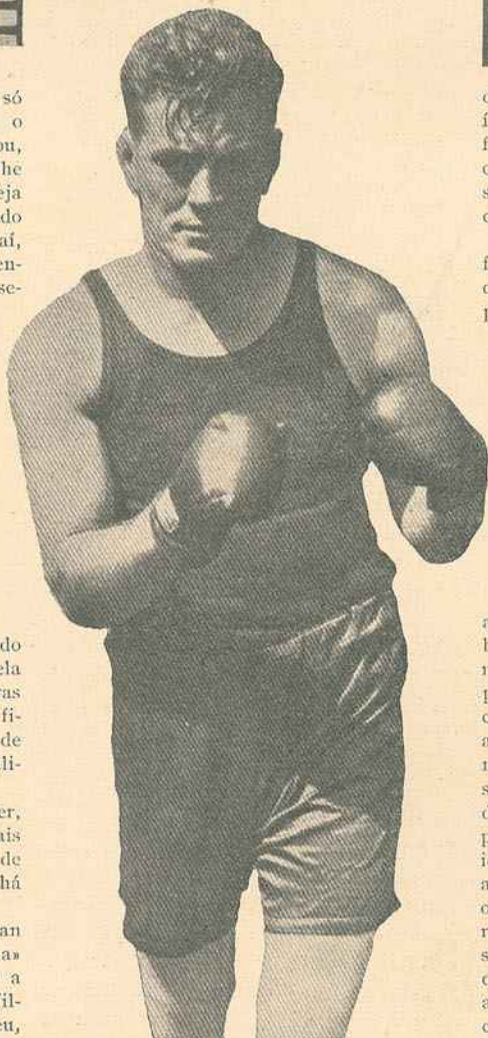
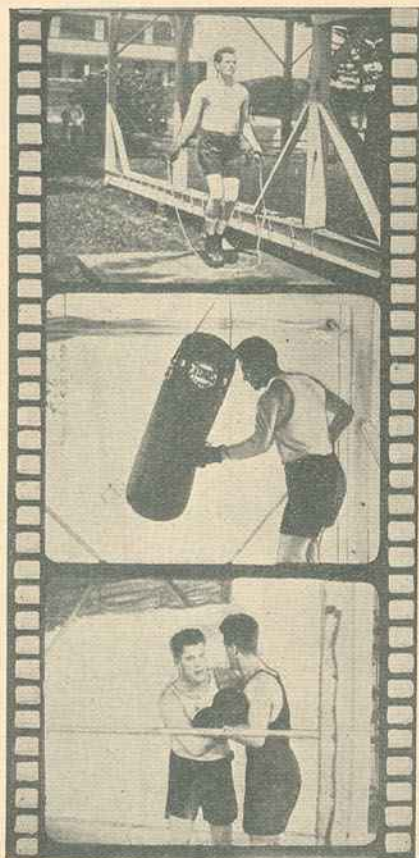
GENE TUNNEY

O HOMEM QUE DER- RUBOU O ÍDOLO DO MUNDO

dormitou sobre os loiros da vitória que lhe apregoavam já «ad eternum».

No ano passado, o mundo escancarou a boca até às orelhas num pasmo formidável. O ídolo fôra derrubado subitamente, saíndo dum combate com os olhos fechados, a cara escavacada e completamente liquidado!... Quem derrubára o novo Goliath?... Na Europa soou, de lés a lés, o nome do novíssimo campeão, um rapaz do mar, Gene Tunney.

O mundo não acreditou por completo nos primeiros momentos, e depois esfregou os



olhos e, ante a evidencia, pôs reservas. O ídolo derrubado era de tal marca que, por força, havia atenuantes para o desastre. E cada qual, armando-se em entendido, rugiu surdamente: juizes vendidos... doença do campeão... golpes baixos...

Passou-se um ano e Tunney voltou a defrontar o colosso, o homem que fôra odiado quando liquidára Carpentier e era agora, pela segunda vez, o favorito de quasi todos, de tantos quantos são os fetichistas a quem os ídolos hipnótizam estranhamente. O telégrafo, com mais cloqüência do que o melhor literato, deu, no relato que fez a par e passo, do combate, as notas mais justas.

Batalha de leões — Tunney cai — Dempsey foi às cordas — Ardôr medonho na pugna — Vantagem de Tunney — Cansaço do ídolo — Vitória de Tunney.

Pela segunda vez o ídolo fôra a terra com a face ensanguentada, depois duma luta bárbara, incruenta, em que levou o partido melhor a intelligência do mais jóven. E caso para meditar; pela telefonia sem fios foi o combate relatado, peripécia por peripécia, aos milhares de amadores de todo o continente americano. Pois dizem os papeis que se registaram doze óbitos por comoção forte durante os «rounds» mais renhidos da pugna!! Doze pessoas, certamente de maior idade, responsaveis civilmente pelos seus actos e de mental sádio (pois não consta que os casos se dêssem em manicómios), perderam a vida por causa de dois brutinhos ao sóco. Oh! tempos já apagados e longínquos em que os homens caíam em extase ante as virgens do Ghirlandajo ou de Boticelli!... Oh! tempora! oh Mores!...



A figura gigantesca de Jack Dempsey só começou, verdadeiramente, a interessar o público europeu, quando alguém pensou, com o mais espantoso dos critérios, em lhe opôr Georges Carpentier numa rude peleja em que se disputava o campeonato do mundo de box de tôdas as categorias. Nunca até aí, Dempsey conseguira atrair tanto as atenções do mundo como na sua época o conseguira Jack Johnson, o ciclópico negro que a sorte, mais negra ainda que a sua própria pele, perseguiu acintosamente até o reduzir a um mísero farapo, aventureiro pobretão a vaguear pelo mundo.

Carpentier, ao subir ao «ring» levava consigo a alma de todos os franceses e a esperança da Europa, cega pelos réclamos berrantes feitos ao pugilista gentleman. A ilusão durou pouco; os punhos ferreos de Jack destruíram num ápice, implacavelmente, a glória lantejoulada do europeu e Georges seguiu a sua róta descendente, desapareceu do firmamento do box e trocou o «ring» pela ribalta e os sócos pelas cóplas bregeiras das revistas do Pálace. Dempsey, êsse, ficará no apogeu da celebridade, e o côro de louvôres entoou o hino da sua immortalidade.

Alguém disse, talvez o proprio Carpentier, que Jack era invencível, portentoso, o mais forte e mais combativo e mais scientifico de todos os pugilistas do mundo desde que há mundo e pugilistas.

Jack Dempsey, milionário, astro do écran cinematográfico, e figura grada no «Gotha» dos esmurradores de narizes, casou com a linda Estelle Taylor, sua camarada dos filmes e, segundo parece, se não adormeceu,



Ruínas das Termas Romanas

PARIS NO TEMPO DOS ROMANOS

Acabo de sair do Museu de Cluny. O boulevard S. Michel principia a animar-se da vida especial que alegria tódas as noites o velho Bairro Latino. Do Odéon a Montparnasse o buliçoso mundo das escolas e dos *ateliers* movimenta-se já, depois das horas de imobilidade forçada das bancadas dos anfiteatros e das salas de pose. E no meio desta vida, onde, dia a dia, o artista corre atrás dum ideal novo e o filósofo atrás duma nova teoria, o jardim de Luxembourg conserva a sua feição romântica do século passado, com os seus namorados em idílio e os seus ranchos de crianças correndo e rindo por entre as alamedas.

Enquanto a tarde desce, nesta calma dou-rada do entardecer de Paris, a recordação das ruínas de Cluny faz-me evocar os tempos passados, êsses tempos em que Paris, a velha Lutécia, era uma pequena cidade romana, centro do comércio que, vindo da Bretanha, subia o Rio até à Ilha. Nos tempos gauleses fóra uma povoação de choupanas acumuladas sob a sombra esguia dos álamos. Com os romanos engrandecera e trepara por esta margem esquerda, onde resplandeceram palácios, vilas, jardins e pomares e onde as luxuosas Termas, o longo

Aqueduto e as vastas Arenas glorificaram a civilização latina.

E a atestar esta velha civilização, passados dois mil anos, ainda se levantam, na sua arrogante solidez, as ruínas das Termas, os degraus das Arenas e os alicerces do Aqueduto, que se tem mantido pelos séculos fora, como testemunho da arte e engenho de quem os construiu. Mas, mais que as vetustas ruínas, a passagem dos romanos aqui deixou seu rasto. Paris representa hoje mais a velha Roma, do que a Roma dos Papas representa a Capital dos Cesares. Passaram as invasões de todos os bárbaros, degladiaram-se tódas as seitas e sucederam-se tódas as civilizações. Mas Paris conservou em herança, e sempre soube manter, o velho espirito pagão, no amor da beleza, da liberdade e da ciência.

Na encruzilhada dos caminhos da Gália, Lutécia crescia e enriquecia à sombra da paz do Império. Na Ilha o frontão, as colonatas e a escadaria do templo de Jupiter destacavam-se do aglomerado das outras construções. As triremes de guerra de prôa em esporão, as galés de carga e as chalupas gaulesas subiam e desciam o Rio. Era por ali que chegavam o estanho e as ostras da

Bretanha e que se fazia a troca de tódas as riquezas da terra. A Ilha era mercado farto onde acorriam negociantes das Belgicas, Lugdunesias e Aquitanias, enfim de tódas as Gálias.

Na margem direita ficava o Campo Romano, fortificado à saída da Grande Ponte que dava início às estradas de Agedineo e Rotomago. Na margem esquerda era a cidade aristocrática que as estradas de Cenabo e Carnute atravessavam a irem desembocar na Pequena Ponte. As Termas, o Teatro, as Arenas, o templo de Baco, davam vida a tóda esta margem que os grandes senhores de Lutécia habitavam.

Rodeadas de jardins e pomares, resplandeciam vilas de pórtico magestoso e alegre terraço onde velários purpurinos sangravam ao sol. E, enquanto os escravos regavam canteiros floridos, o som da água, caindo monótona no tanque dos peixes, misturava-se ao chôro da mó doméstica, que a besta humana fazia rodar, e ao canto das raparigas que entrançavam corôas de rosas para coroar o senhor e seus convivas, durante o festim da tarde.

Depois eram os vinhedos, as terras de cultura e por fim a orla das florestas onde corriam errantes as almas dos antigos druidas que os deuses olímpicos haviam empurrado para o fundo dos bosques. E ao cair da tarde passavam nas estradas lageadas, que perto da cidade eram ladeadas de túmulos e tabernas, os rebanhos de escravos de lavoura que recolhiam meio nus, cobertos de suores e cicatrizes, as caravanas dos mercadores transportando fazenda, os carros de passeio puxados a parelhas de raça conduzindo opulentos proprietários, a posta que trazia o correio de Roma, e centurias de disciplinados legionários que, na sua marcha pesada e firme, faziam ressoar o lagedo, carregados de armas e munições.

Assim, entre jardins e pomares, respirando o ar doce e calmo da velha terra da Gália, e gozando a paz latina, que a força de Roma impunha, viviam os proprietários e mercadores de Lutécia, indo fazer seu comércio na Ilha, passar suas horas deleitosas nas Termas, entreter seus ócios no Teatro e nas Arenas, correndo a cidade de ponta a ponta, frizados, barbeados, almiscarados, meio adormecidos na liteira, que o passo cadenciado dos escravos fazia balouçar mansamente. Uns eram romanos que a conquista trouxera, outros eram gauleses, descendentes da velha aristocracia, que bem cedo se haviam romanizado e que falando a língua dos senhores do Império lhes imitavam a existência de luxo e comodidade.

Na Ilha era o forum onde se fazia a vida oficial e a vida dos negócios. Ali se encontravam magistrados arrastando toga à maneira antiga, sacerdotes envolvidos em suas

vestes e insígnias, mercadores de túnica rica, marinheiros bambolecando o tronco sobre pernas nuas, libertos de barrete vermelho, escravos de cabeça rapada, carregados como animais, e por entre o bulfício dos que compram e vendem, dos que discutem as últimas notícias de Roma, dos que recitam versos e dos que dão lições de gramática latina, os soldados romanos passam, vagarosos e calmos, fazendo a ronda.

Mas o grande deleite desta vida de negócios e prazeres estava nas Termas. Essas Termas de que ainda, passados tantos séculos, restam as abóbadas do tepidário, calcinadas pelo incêndio das invasões, não eram certamente tão suntuosas como as de Caracala, Tito e Diocleciano em Roma, mas representavam, no entanto, bem o fasto e a magnificência da esplendorosa civilização do Grande Império. Vastas, sólidas, grandiosas mesmo, elas estavam rodeadas de encantadores jardins que desciam até ao Rio, cobertos de árvores de fruto e roseirais. Tinham altos pórticos e colunas de enramados capitéis. Lá dentro o chão era de mosaico rico e as paredes de mármore pulidos incrustados de alabastro, jaspado e pórfiro e cobertas de variadas pinturas. Havia nichos com soberbas estátuas de belas divindades, reposteiros e tapetes vindos da Alexandria, grandes piscinas de fundo colorido onde se desenhavam peixes de vários matizes. Succediam-se vastos recintos de palestra e ginástica e salas de vapor, chuveiro, maçagem, epilação, unção e perfume. No ar, o aroma das essências e bálsamos raros misturava-se ao bafo húmido das estufas. Ali passavam os senhores de Lutécia horas e horas de gôso calmo nas mãos dos balneadores, e, de cabelo frizado, unhas pulidas, corpo lasso, amolecidos, sonolentos, acompanhados de formosas cortezãs e lindas escravas, voltavam às suas liteiras, que, por entre muros de jardins e pomares, se perdiam ao longe.

Mas o dia fatal chegou. Os bárbaros da Germânia deram sinal de si. E, não tendo encontrado grande resistência nas descuidadas legiões do vale do Reno, invadiram a Gália, como o mar tempestuoso que, avançando sobre a terra, tudo engole e desfaz. Por toda a parte foi a chacina, a destruição, o exodo. Roma tinha caído da sua antiga grandeza. O centro do Império deslocara-se para o Oriente. Uma nova religião punha em perigo os velhos deuses do Lacio. Parecia que o domínio romano desaparecera para sempre da velha terra da Gália.

Mas não! Roma ainda não tinha morrido. Quando tudo se julgava perdido e para sempre, chegou, à frente das águias imperiais, Julião, jovem Cesar que a corte de Constantinopla mandava à reconquista do Império do Ocidente. Dentro em pouco estava novamente a Gália liberta. Mas as suas cidades

eram ruínas, os seus campos desertos. Tendo sofrido a desgraça comum, Lutécia foi reconstruída e aproveitou, mais que nenhuma outra cidade gaulesa, deste grande cataclismo. Escolhida por Julião para sede do seu governo, Lutécia ficou desde então sendo a capital da Gália.

A Ilha, que altas e grossas muralhas defendiam, foi atravancada pelo enorme e sombrio palácio de Cesar. E toda esta margem esquerda era vasto acampamento, coberto de colossais casernas. No ar reboava o grito ronco das buzinas de guerra e o ruído metálico saído das forjas dos armeiros que batiam lanças e couraças. Durante os invernos, aqui vinham repousar as legiões das guerras com alemães e francos.

Diz a tradição que às Termas dedicou Julião especial cuidado. Restauradas, ampliadas, postas a funcionar, elas foram nova-

mente em toda a grandeza e magnificência da sua arte, da sua religião e das suas sábias leis, Império mais potente do que o de Constantinopla, que se desfazia e amesquinhava na luta entre cristãos arianos e ortodoxos. Lutécia seria a nova Roma, a nova capital do paganismo. E este sonho nunca foi tão nítido como nessa memorável noute de primavera em que, à luz vermelha dos archotes e das fogueiras dos acampamentos, as legiões o levantaram nos escudos e o proclamaram Imperador. Mas o sonho de Julião, de sonho não passou. O novo Imperador desapareceu no sorvedouro do Oriente e novos bárbaros invadiram a Gália e tudo voltou ao caos, no meio da matança, do incêndio, da destruição. A velha civilização romana agonizava, o tempo dos velhos e belos deuses olímpicos tinha passado.

Clovis destruiu as últimas legiões roma-



Estado actual do Jardim das Termas

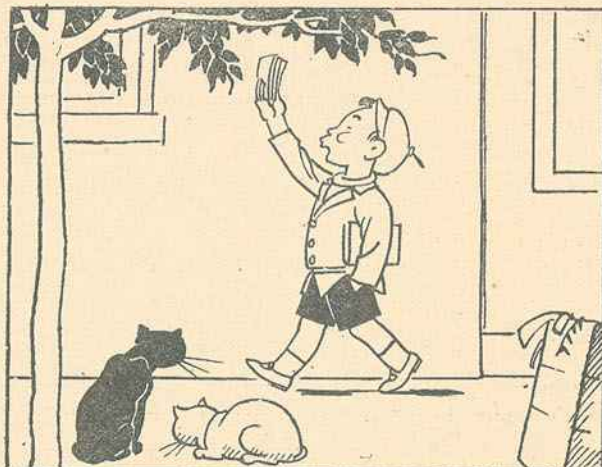
mente recinto de prazer, onde magistrados e guerreiros passavam suas horas de recreio e gôso. E os jardins de árvores de fruto e roseirais floridos foram refugio onde o futuro Imperador meditou e sonhou suas futuras grandezas. Pagão ardente e sincero, destemido, filósofo e ambicioso, Julião tinha um grande sonho a iluminar-lhe a alma — repôr o paganismo no seu antigo esplendor, na sua passada grandeza.

Era a Gália a mais pagã e a mais rica das províncias romanas. Porque não havia êle de tornar-se senhor de toda esta parte da Europa? E assim levantar um grande Império, independente e forte, onde de novo fizesse resplandecer a velha civilização lati-

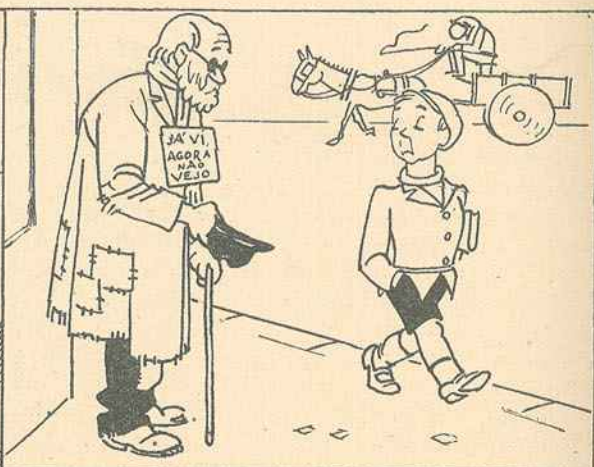
na e, feito consul por Anastácio, inicia a barbaria medieval. E enquanto a peste e a fome estendem sobre a Ilha o seu sudário sinistro, Santa Genoveva, velando pelo povo, passa vagarosa por sobre as muralhas o vulto macerado que a Lua ilumina com a sua luz de prata. Mas o sonho de Julião, passados quasi dois mil anos, fez-se realidade. O paganismo é eterno, como eternos são o amor e o belo de que êle é a suprema idealização. Ao fim de tantos séculos, Lutécia é a capital da Europa Latina e ela ilumina o mundo com o brilho da nova civilização pagã.

PÁGINA INFANTIL

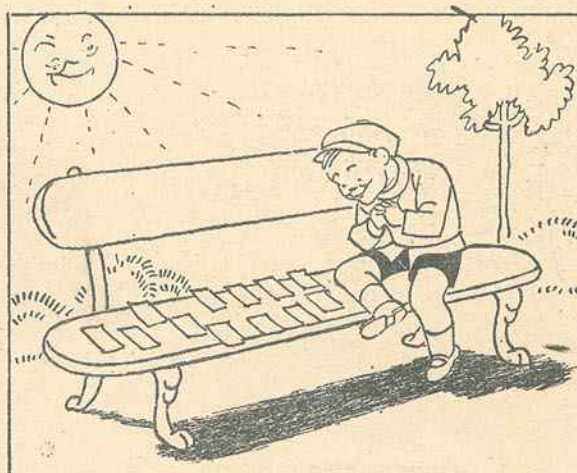
(DESENHOS DE EMMERICO H. NUNES)



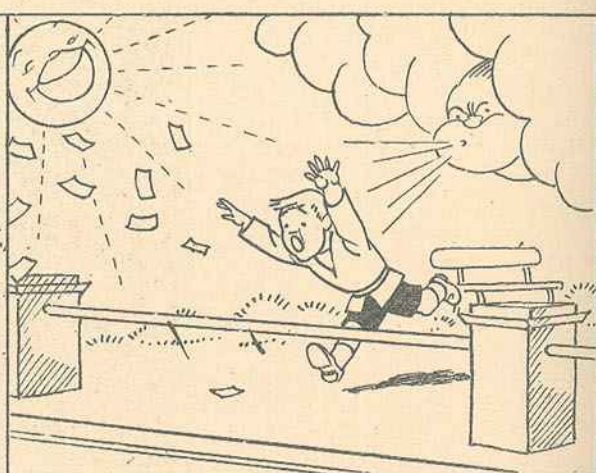
O Quim fez dez anos e a vórv deu-lhe um rôr de dinheiro para dôces... e esmolas...



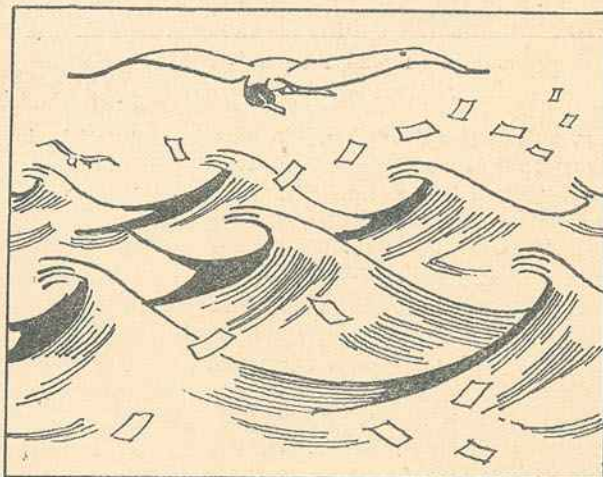
Mas o Quim, todo inchado, pensou nos dôces e desprezou os pobresinhos...



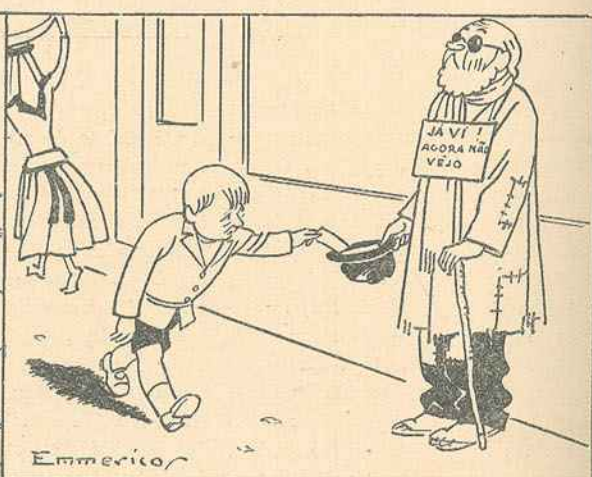
Doidinho de vaidade começou a contemplar as notas... tôdas novinhas em folha.



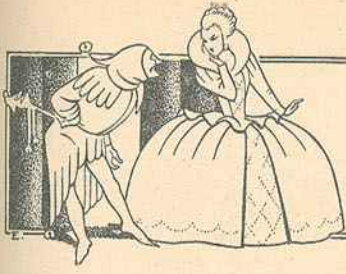
E como folhas... leva-as o vento...



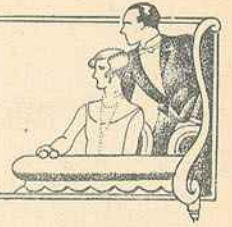
...o mar engultu o pequeno tesouro do Quimzinho, menino ambicioso... não se importando com os seus desesperos, como êle se não importára com a miséria dos pobres...



...deixando-lhe a nota mais pequenina que êle se apressou a ir dar de esmola a um céguinho, arrependido de o não ter feito antes.



Teatro



KOROBOK

Os russos, imensa família dispersa, calcurream hoje a terra inteira. Encontramo-los em toda a parte, exercendo os mais variados mistérios. São professores, criados de servir, músicos, «chauffeurs», atletas, dançarinos. Eram condes, duques, abastados lavradores. Aristocracia, burguesia e até os filhos do povo que praticavam humildes profissões, evadiram-se aos bolchevikis, sobraçando os farrapos do seu guarda-fato, as migalhas da mesa, os kopeks do seu cofre. E encontraram-se os *novos judeus* espavoridos ante a magnificência das nações ordeiras.

Deram-se as mãos, e agarrados a essa corda infinda de que o «Canto dos barqueiros do Volga» é o símbolo melhor. A retizada corda a que se penduraram os esfrangalhados corpos e as almas doloridas, eram ainda, e serão sempre, as fibras rijas da grande Rússia, imersa no seu misticismo como um globo de luz baloiçando no torpôr do nevoeiro denso.

Os russos que se viram obrigados a voltar as costas à Pátria neste interregno que já vai «no começo do fim», fundaram organizações, magras de fundos mas poderosas pela coesão e pelo ideal de justiça que as anima.

Em Paris, o centro dos refugiados, existem institutos de beneficência, casas de abrigo e de trabalho, bôlsas para os perseguidos e para os inválidos. Entre eles o auxílio mútuo excede o da associação secreta de estatutos mais rigorosos.

Serenamente, sem alarde, constituem-se em grupos para a exploração de uma indústria, de um comércio, para o exercício de uma arte.

E conquistam a confiança, a simpatia, o aplauso do europeu e do americano.

Estão hoje disseminados pelas capitais os núcleos de artistas russos que praticam os *divertissements*, esse gênero de espectáculos tão adaptável à vertigem da vida moderna.

Para que se fazem espectáculos? Para divertir o público.

Segue-se que um espectáculo tem de



Natália Mirdza, bailarina

ser, antes de tudo, um divertimento. Há quem imagine que um espectáculo deva ser uma aula de filosofia, reunião preparatória

de congresso de história, locubração torturada de almas, pedra anatómica para exposição de mazélas. Engano.

Entertainment no dizer dos ingleses, *Divertissements*, à boa maneira francesa.

*
*
*

As «manchas» de Dhiagilew, de Leonide Massine, de Molasso tiveram continuadores que as desdobram.

Ivan Tazoff, Balleff e Jusni com as suas inovações da «Chauve Souris», do «Oiseau Bleu» e de outros semelhantes, fixaram o *divertissement* como espectáculo para os olhos e para o ouvido. Cantos regionais, danças clássicas e típicas, rápidos sketches sem palavras, tudo cabe na apertada scena simplificada que um traço pictural ilumina, e a que um comentário orquestral empréstia o mais eloquente descritivo.

Korobok, a troupe que ora trabalhou no Teatro São Luís, deu-nos umas miniaturas deliciosas da aldeia russa, pontilhado de côr muito viva, esbatendo-se da plangencia dos tons severos de tragédia que emolduram os quadros dos Hussards, dos Barqueiros e de outros em que os russos são mestres pela plasticidade que imprimem a êsses momentos.

Troupe pequena, sim... mas não insignificante. Korobok não despertou o côro laudatório que animára as representações de Coq d'Or, mas teve os seus entusiastas entre aquêles que souberam distanciar uma troupe da outra pela dessemelhança que entre elas reside.

Korobok, que teve como fundador Ivan Tazoff, o célebre *metteur-en-scène*, reúne alguns grandes nomes da arte lírica da Russia.

*
*
*

Artamanoff, o barítono cuja voz e escola passaram, por assim dizer, despercebidas, pertencem ao Teatro Livre de Moscow, como primeira figura.

Oficial do exército



Ida Arid, meio soprano



Madame Smirnov, bailarina



Goukassoff, tenor

Korobok dirigida pelo empresario Frederico Bassó e tão gentilmente apresentada por mademoiselle Marie Louise Gincys.



Estes, alguns dos nomes que Lisboa aplaudiu sob as mais enganadoras *maquillages*, no elegante São Luís.



Mademoiselle Wallina, soprano

que entrou na guerra contra a Alemanha, salientou-se depois na falange que arremeteu contra a fúria bolchevik. Vencido, perseguiram-lhe ainda um irmão, que foi torturado e assassinado.

Confiscaram-lhe os bens. Artamanoff tinha que passar por todos esses transe até que chegasse a hora da sua execução. Mas conseguiu fugir. Hoje, a sua máscara, fortemente expressiva, grita ainda a recordação dessas horas de tragédia.

Rudine encobre a personalidade do príncipe Trouveskoy, um príncipe autêntico que teve que bailar para viver. Mas em França, um príncipe é sempre um príncipe. E o dançarino Rudine encontrou uma dama riquíssima que lhe conquistou o braço e a glória.

Há ainda na Troupe Korobok um advogado, um médico e um capitalista, cuja fortuna está contida em livros de cheques hoje sem valor.

Nerces Goukassoff, tenor dramático que fez parte dos elencos dos teatros municipais de Petrograd, de Moscow e que, após a revolução, cantou na Ópera de Constantinopla e no Teatro Real da Sérvia.

Mademoiselle Mast, soprano ligeiro, mademoiselle Wallina e Ida Ard, mezzo-sopranos, cantaram nos teatros de Moscow, de Tiflis, de Charkoff, de Petrograd, de Constantinopla, e, mais tarde, em Paris.

Eis os artistas da *troupe*

Na vida real, os artistas da Korobok são graves, sóbrios. Medem as palavras como se

no visitante que lhes estende a mão, deparassem com algum terrível agente da Tcheka, pronto a vingar os correligionários distantes.

Abordámos, certa manhã, a um canto do palco do São Luís, a dançarina X, fatigada ainda do ensaio a que a sujeitara Flaviano Rodrigues, que na estreia se prontificara a substituir, sem preparação alguma, o maestro da companhia.

— Triste?...

— Sim. Não recebi cartas.

— Da Rússia?

— Não, de Berlim. Os nossos camaradas remetem-nos as que nos são enviadas para Berlim, Paris, Londres, Viena, com nomes supostos para despistar...

Mas correm perigos, na Europa?

— Nós, não. Mas os *nossos* que ainda vivem na Rússia, seriam perseguidos se os *bolcheviki* pudessem localizar-nos...

E, de certo modo, os vermelhos fazem-nos mal. Chaliapine acaba de ser expulso da Ópera de São Petersburgo. Creio que tinha 15.000 rublos. Para êle, é uma ninharia... Ganha cem vezes mais na América, ou mesmo em Paris, onde tem um soberbo palácio...

Surpreendemos a êsse punhado de bravos artistas, despedidas as vestes da scena, a funda tristeza de uma familia que se desmembrou.

A um canto do vasto palco, agrupavam-se os aristocratas e os burguezes, irmãdos pela desgraça comum.



Madeleine Fister, primeira bailarina da Ópera

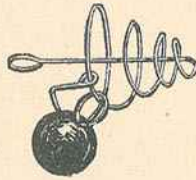


Passatempo

A BOLA E A ESPIRAL

(Paciência)

Na figura aqui representada, a bola é fixa permanentemente ao anel, e este está



enfiado na espiral. Trata-se de desligar a esfera da espiral. Como?

解 答

A PALAVRA FATAL

— Eu podia ter casado com aquela rapariga, se não fôsse uma palavra que ela disse.

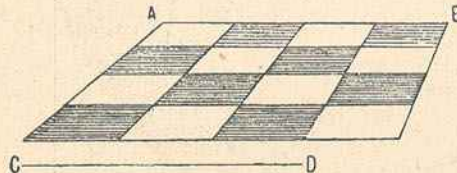
— Sêrio?! O que foi que ela disse?

— Disse «não».

解 答

ILUSÃO OPTICA

A figura aqui junta representa um taboleiro enxadrizado, com dezesseis casas. Fóra dêle, na parte inferior da figura, vê-se traçada uma linha recta. Quem olhar para o



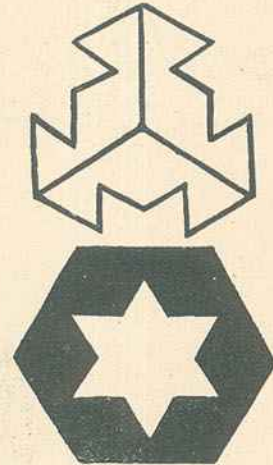
desenho, recebe a impressão imediata de que a linha A B (o lado superior do taboleiro) é maior do que a linha C D, enquanto que, graficamente, são iguais.



Estão aqui quatro artistas escondidos, a ouvirem a crítica do público. Vejam lá se os descobrem.

QUEBRA-CABEÇAS

(Solução)



解 答

Judith: — O Armando, afinal, não fez saltar os miolos quando tu o recusáste. Veio ter comigo e declarou-se-me.

Helena: — Então é que sempre se desfez dêles de qualquer outra maneira.

解 答

Joaninha, com três anos, está cançada de passear, e o pai pergunta-lhe se ela quer voltar para casa a pé ou de carro.

— Antes queria voltar a pé, se o papá me levasse ao colo.

解 答

O pai (ao chegar a casa aborrecido): — Este serviço de combóios é impossível. Sempre as carruagens à cunha.

A filha: — Mas, paisinho, tu arranjaste lugar sentado, não arranjaste?

— O pai: — Pois sim, mas a tua mãe, coitada, teve de vir em pé todo o caminho!

解 答

O tio, solícito: — Ó menino, não digas: «Eu não vou». Como deves dizer, é: «Eu não vou, êle não vai, nós não vamos, êles não vão».

O sobrinho: — Então não vai ninguém?



Branquinha: — Ó mamã, êle não pode ouvir o que eu cato pensando, poi não?

FORNECEDOR UNIVERSAL

O dono de certa loja de novidades estava sempre ralhando com as empregadas pela sua indiferença em questão de vendas possíveis e prováveis.

Um dia, ao ouvir uma caixaira dizer a uma freguesa: «Não, já há muito tempo que não temos nenhuma», o proprietário da loja, incapaz de admitir semelhante possibilidade, começou a enfurecer-se como de costume.

Fitando a empregada com olhar inexorável, disse para a freguesa:

— Temos muita em deposito, minha senhora, e hoje mesmo lha podemos mandar vir.

À vista do que, a freguesa ficou pasmada, e depois, com grande espanto do proprietário, deu uma gargalhada e safu da loja.

— O que lhe estava ela dizendo? — perguntou o patrão à caixaira.

— Que não tínhamos tido chuva, ultimamente — explicou a caixaira com brandura.

解 答

O professor: — Quanto é metade dum terço?

O Luísito: — Não sei ao certo, mas não pode ser grande coisa.



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 43)

Como a vida é absurda! Surpreendi-me a dirigir um cumprimento maquinal e a apertar a mão a um homenzinho arruivado, mergulhado nas profundezas da poltrona que outrora me era reservada: durante um certo tempo conservámo-nos frente a frente, balanceando o corpo e fazendo caretas um ao outro.

—O papá quis alojar-nos aqui, enquanto esperamos que a nossa casa esteja pronta.

—Ah!...

—Não recebeu a minha carta, no Pará?

—Eu não recebi carta nenhuma.

—Que pena! A carta explicava-lhe tudo.

—Mas tudo se explica afinal!

—Eu nada ocultei a William. Entre nós os dois não há segredos. Meu Deus, como lastimo tudo isto! Também, porque me abandonou assim, para ir lá para o cabo do mundo?... Não está zangado, não?

—Não, não, absolutamente. O que vou é deixá-los.

—Mas, primeiro, vai tomar alguma coisa — disse o homenzinho. Depois acrescentou, num tom de confidência:

—É sempre a mesma história, não é verdade? E sempre será a mesma enquanto não tivermos a poligamia... às avessas, compreende?

E soltou uma gargalhada idiota. Alcançei rapidamente a porta e dispunha-me a sair quando, cedendo a um impulso absurdo, voltei para trás e dirigi-me ao meu feliz rival, que olhava nervosamente para a campainha eléctrica.

—Permite-me uma pergunta? — inquiri.

—Desde que seja razoável — disse êle.

—O que é que o senhor fez cá nesta vida? Procurou algum tesouro escondido? Descobriu um novo polo? Tripulou um barco de piratas? Votou por sobre a Mancha? Enfim, como e porque alcançou o senhor o prestígio do romanesco?

Êle encarou-me e li-lhe um verdadeiro desespero no rosto insignificante de pobre diabo.

—Não lhe parece — murmurou êle — que êsse assunto só a mim diz respeito?

—Então — exclamei eu — responda-me simplesmente a isto: que profissão exerce o senhor?

—Sou segundo escrevente de procurador, no escritório dos srs. Johnson e Merivale, em Chancery Lane, 41.

—Boa noite — disse eu.

E, referendo de pesar e de raiva, rindo com azedume, desapareci nas trevas, à maneira de todos os heróis inconsoláveis, a quem acabam de rasgar o coração!

Ainda um outro episódio e acabarei. Ontem à noite, depois de jantar, em casa de lord John Roxton, fumávamos e palestrava-

mos acerca das nossas aventuras. Eu experimentava uma curiosa impressão por recontrar, num quadro tão diferente, as mesmas caras. Lá estava Challenger, com o seu sorriso condescendente, os olhos intolerantes, a barba agressiva e o seu torso enorme; inchando as bochechas, soprando o fumo, falava a Summerlee com o tom de quem dá ordens. E Summerlee, com o seu cachimbinho de esteva entre o bigode delgado e a barbicha grisalha, discutia com animação, opunha a todas as sentenças de Challenger



Dois mulheres, ainda espantadas, contaram que o tinham visto empoleirado no telhado de Queen's-Hall...

mil chicanas. Quanto ao dono da casa, com os seus traços fisionómicos agudos, a sua expressão de água, continuava a ter, no fundo dos olhos, azuis e frios como uma geleira, uma faísca de malícia.

Foi no seu próprio santuário, sob a claridade rosada das lâmpadas, entre os seus inúmeros troféus, que, um pouco mais tarde, lord Roxton nos fez a comunicação que tinha a fazer-nos. Tirára dum armário uma velha caixa de charutos e puzera-a em cima da mesa.

—Há uma coisa — disse êle — de que talvez já há mais tempo lhes devia ter falado, mas preferi primeiro adquirir uma certeza, por me parecer inútil fazer nascer prematuramente quaisquer esperanças. Recordam-se do dia em que descobrimos o pântano dos pterodactilos? A configuração e a natureza do terreno chocaram-me. Talvez não tivessem dado por isso. Era uma antiga cratera cheia de argila azul.

Os professores inclinaram-se, concordando.

—Ora em matéria de crateras cheias de argila azul eu não conhecia outra no mundo senão a mina de diamantes de Beers, Kimberley. Desde então, eu +++ tinha na cabeça senão diamantes. Invení um equipamento que me protegesse contra os imundos animais e passei um dia inteiro a excavar o terreno com uma faca. Aqui teem o que desenterrei.

Abrindo a caixa de charutos, despejou-a e pôs sobre a mesa umas vinte ou trinta pedras tóscas cujo tamanho variava entre o dum feijão e o duma avelã.

—Sim, talvez devesse ter-lhes já falado nisto, mas eu sei ao que a gente se expõe falando levemente. Estas pedras, a pesar do seu tamanho, só pela sua cor e pureza, depois de extraídas da ganga, podiam ter valor. Trouxe-as, portanto, para Londres e no próprio dia da nossa chegada fui procurar Spink e pedi-lhe para lapidar grosseiramente uma delas e avaliá-la.

Tirou da algibeira uma caixa da qual fez cair um diamante, que scintilava vivamente, uma das mais belas pedras que tenho visto.

—Eis o resultado. Segundo diz Spink, o conjunto das pedras vale, pelo menos, duzentas mil libras. Naturalmente, repartimos entre nós esta soma. Nem eu compreendo que se proceda doutra forma. E então, Challenger, o que vai fazer das suas quarenta mil libras?

—Se, na verdade, persiste nas suas generosas intenções — disse o professor — fundo um museu particular, que é o meu sonho, desde longa data.

—E Summerlee?

—Eu deixo o ensino para me consagrar à classificação definitiva dos fósseis da greda.


—Pelo que me diz respeito — disse lord John Roxton — organizo uma expedição e volto a visitar o nosso querido planalto. Quanto a você, meu rapaz, suponho que se casa?

—Ainda não — disse eu, com um sorriso de lástima — prefiro acompanhá-lo, se mo permitte.

Lord Roxton não me respondeu, mas a sua mão, por sobre a mesa, procurou e apertou a minha mão.

FIM

Boletim — CONCURSO DO “MUNDO PERDIDO”

Para colar o 1.º coupon	Para colar o 2.º coupon	Para colar o 3.º coupon	Para colar o 4.º coupon
Para colar o 5.º coupon	Para colar o 6.º coupon	Para colar o 7.º coupon	Para colar o 8.º coupon
Para colar o 9.º coupon	Para colar o 10.º coupon	Para colar o 11.º coupon	Para colar o 12.º coupon
Para colar o 13.º coupon	Para colar o 14.º coupon	Para colar o 15.º coupon	

Nome do concorrente _____

Residência _____

SOLUÇÕES — 1.º PROVERBIO _____
2.º PROVERBIO _____

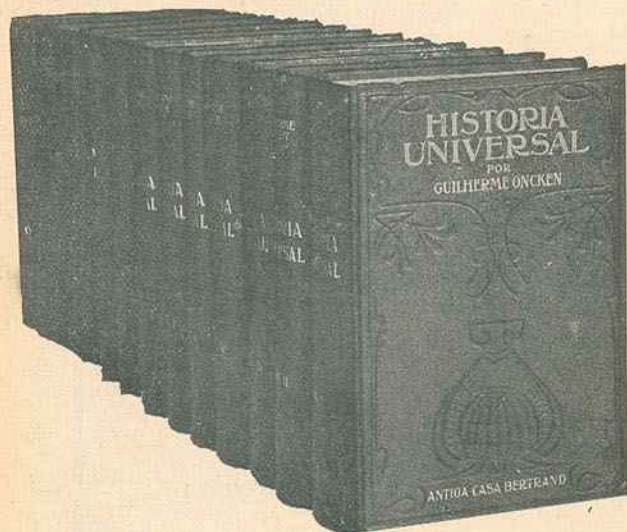
QUANTAS SOLUÇÕES CERTAS LHE “PALPITA” QUE SEJAM APRESENTADAS? _____

Este boletim, com os coupons colados e devidamente preenchido, deve ser remetido aos escritórios da “ILUSTRAÇÃO”, Rua Anchieta, 25, até ao dia 16 de Janeiro de 1928

Vêr, no verso, as condições e prémios deste concurso

O NOSSO CONCURSO

EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken,
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

obra de mais alto interesse, algumas palavras foram substituídas no texto por cruzetas (+ + + + +) em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituída.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, esses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + eles + + únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, esses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de dia* são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, são eles os únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Palavras reconstituídas pelo sentido: *gatos*, *noite*, *de*, *pardos*, *todos são*, e *os*.

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos*».

Simple e intuitivo.

IMPORTANTE: No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

foi publicado um *coupon* numerado que acompanhará o boletim do concorrente, que publicamos agora com o último *coupon*.

Os prêmios não serão sorteados, mas atribuídos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhe pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A. indica como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B. indica 8300 e o concorrente C. indica 8250. Ns prêmios seriam atribuídos: 1.º a B. (8325 - 25) 2.º a A. (8325 + 35), 3.º a C. (8325 - 75).

PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e America possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, é de

3 MESES

que terminam em 16 de Janeiro de 1928.



OS PRÉMIOS

1.º PRÉMIO — *História Universal* de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.

2.º PRÉMIO — *Coleção de Teófilo Braga*.

3.º PRÉMIOS

- a) *Obras completas de Alexandre Herculano* 20 vols., encadernação em carneira.
- b) Edição monumental dos *Lusíadas*.
- c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor*.
- d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).

4.º PRÉMIOS — 2 Coleções de Eça de Queirós.

5.º PRÉMIOS — 2 Coleções *Lusitânia* (40 vols).

6.º PRÉMIOS

- 2 Coleções Antero de Figueiredo.
- 2 » Aquilino Ribeiro.
- 2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.
- 2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

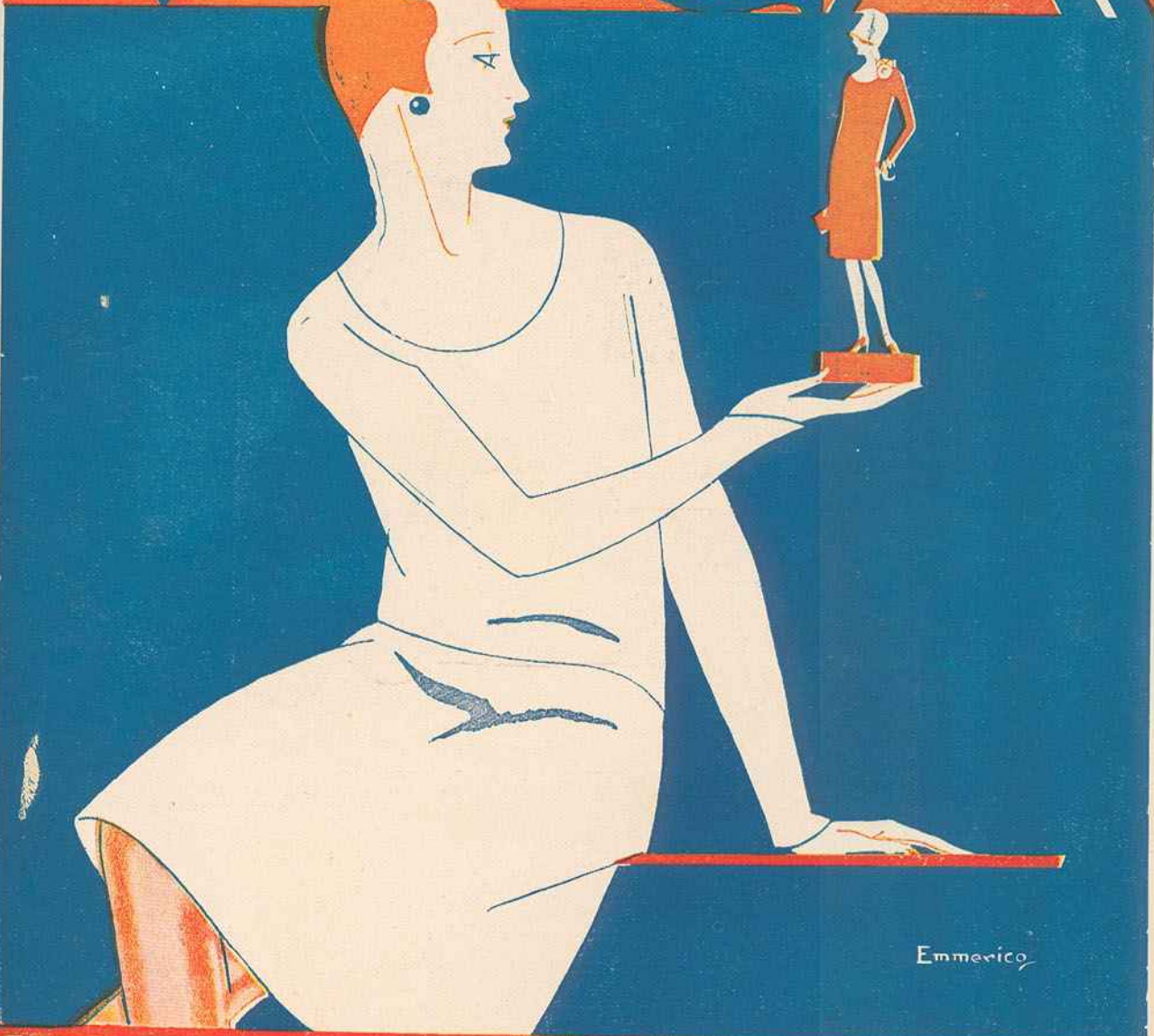
Mais 50 prêmios de 100\$00 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

Mais 40 prêmios de 50\$00, idem, idem.

Valor total 15:000\$00.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

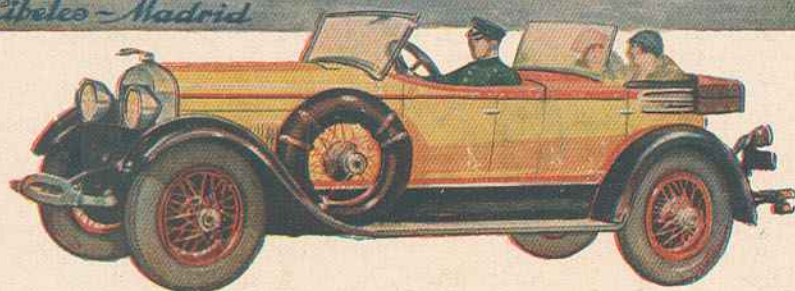
VOGUA



Emmerico

**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND**

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50



O Novo Modelo Faceton "LINCOLN"
Tipo Sport

E' um carro para a cidade, distinto para os «rendez-vous» elegantes e de um aprimorado bom gosto para o grande turismo.

A excelente apresentação deste carro e o seu perfeito acabamento são um novo triunfo das criações LINCOLN.

Salões de Exposição nas principais capitais

LISBOA—PORTUGAL
OREY, LIMITADA
RUA 24 DE JULHO, 42

FORD MOTOR COMPANY S. A. E. — BARCELONA